

## Abordagens Sócio-Pragmáticas ao *Code-Switching*

O *code-switching* é um fenômeno de grande frequência nos contatos lingüísticos em comunidades bilíngües. Os pesquisadores das vertentes sociolingüística e funcionalista buscam analisar as funções a que esta prática lingüística serve no discurso, já que consideram que o uso da língua, em especial a escolha lingüística, mapeia relações sociais claramente definidas:

“As abordagens sociolingüísticas tentam uma reaproximação entre língua e grupo social do falante, onde a língua é um dos recursos disponíveis para produção cultural – esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais o grupo produz um discurso de sua relação com o mundo e com o conhecimento.”

(Heye, 2003, p.31)

Vários pesquisadores voltaram seus esforços à análise deste comportamento discursivo com o propósito de enumerar suas funções sócio-pragmáticas. Neste capítulo, apresentamos inicialmente a abordagem funcional de Gumperz (1982, Blom e Gumperz, 1972), figura mais influente e mais citada nos estudos sobre o *code-switching*, que, ao propor o primeiro inventário de funções do *code-switching*, mostrou que este fenômeno não é idiossincrático, mas uma estratégia discursiva adotada por falantes bilíngües. Gumperz influenciou pesquisadores como Grosjean (1982), que apresentou uma série de funções a que esta prática pode servir, e Appel e Muysken (1987), que aplicaram o modelo funcional de Jakobson (1960) para explicar as razões da alternância entre códigos. Ainda nesta linha descritiva, apresentamos dois trabalhos mais recentes (Koziol, 2000; Richardson, 2000), interessantes por terem elaborado uma série de funções discursivas do *code-switching* nos pares de línguas espanhol-inglês e português-inglês, respectivamente. Em seguida, descrevemos a abordagem de Myers-Scotton (1993a), que elaborou um modelo teórico com a intenção de explicar as motivações sócio-psicológicas da alternância entre códigos com base na noção de *marcação*, distanciando-se, destarte, da tendência usual de elaborar listas exaustivas sobre as funções do *code-switching*. Por fim, relatamos alguns trabalhos de abordagem interacional, seguindo a tendência iniciada por Gumperz (1982) e Myers-Scotton (1993a).

#### 4.1.

#### A Abordagem de Gumperz

Os primeiros estudos sobre a função do *code-switching* buscaram, em sua maioria, provar que este fenômeno serve a um propósito discursivo. Gumperz e Hernández-Chavez (1970), num estudo sobre o *code-switching* numa comunidade hispano-americana na Califórnia, apontaram, ainda que de maneira superficial e elementar, que a alternância entre códigos é um processo metafórico que possui sentido social. Os autores mostraram exemplos em que o *code-switching* servia às funções de marcação de identidade étnica, apresentação de citações, preenchimento de um determinado item lexical – por ser inexistente na língua alvo ou porque o falante possui maior familiaridade com determinado tópico em uma língua específica –, e de criação de uma atmosfera de maior privacidade e confidencialidade. A relevância deste estudo deve-se ao fato de ter apontado a existência de relações entre língua e fenômeno social e por ter mostrado que o *code-switching* não é um fenômeno aleatório e destituído de sentido, como se acreditava na época:

“Parece claro que (...) aquilo que o lingüista vê como meramente alternância entre dois sistemas serve a fins comunicativos definidos e claramente compreensíveis. Os falantes não simplesmente alternam de uma variedade para outra, mas eles se apóiam na coexistência de formas alternadas para transmitir informação.”

(Gumperz & Hernández-Chavez, 1970, p.300)

Este artigo, no entanto, nunca recebeu a atenção devida pelos pesquisadores em línguas em contato. Já o trabalho de Blom e Gumperz (1972), publicado em seguida, obteve grande destaque por ter sido incluído no livro *Directions in Sociolinguistics*, editado por Gumperz e Hymes (1972), que se tornou obra referência nos cursos de Sociolingüística criados nas universidades americanas na década de 70. O artigo de Blom e Gumperz (1972) é, portanto, considerado pioneiro no estudo das dimensões sociolingüísticas do *code-switching* (cf. capítulo 3). Os autores realizaram uma pesquisa de cunho etnográfico – pioneira também por integrar tão intrinsecamente Lingüística e etnografia – em Hemnesberget, uma pequena cidade comercial e industrial, voltada à pesca, com cerca de 1300 habitantes, localizada ao norte da Noruega. Os pesquisadores estudaram o repertório lingüístico da comunidade, isto é, “a totalidade de recursos

lingüísticos que os falantes podem empregar em interações sociais significativas” (Blom & Gumperz, 1972, p.411), que, no caso, compreendia o ranamål e o bokmål, dialetos do norueguês, respectivamente.

Estas publicações, acrescidas do capítulo intitulado “Conversational code-switching”, publicado em seu livro *Discourse Strategies* (Gumperz, 1982), estabeleceu Gumperz como o pesquisador mais influente – e cujos trabalhos foram os mais citados – nas discussões acerca das motivações sociais do *code-switching* nas últimas três décadas.

#### 4.1.1.

##### **Code-switching como uma estratégia discursiva**

Gumperz (1982) relaciona o *code-switching* às escolhas estilísticas dos monolíngües ao afirmar que esta prática discursiva presente na interação bilíngüe sinaliza informação contextual equivalente ao que, em ambientes monolíngües, é transmitido através da prosódia e outros processos lexicais ou sintáticos. Desta maneira, a escolha lingüística gera pressuposições acerca de como o que foi dito deve ser decodificado. Assim, o autor considera as escolhas lingüísticas como estratégias sociais, isto é, os falantes não utilizam a linguagem somente por conta de suas identidades sociais ou de fatores situacionais, relativamente estáveis, mas sim, buscam explorar as potencialidades das escolhas para transmitir significados de natureza sócio-pragmática. Deste modo, o uso de uma variante em detrimento de outra possui relevância de natureza intencional para o significado da mensagem. Portanto, para Gumperz, a escolha do código não é uma escolha de conteúdo, mas principalmente uma *estratégia discursiva*.

Gumperz (1982) empregou este termo – estratégia discursiva – para caracterizar o *code-switching* como um princípio interacional. Este uso do termo depende da pressuposição que a fala pode sinalizar valores sócio-culturais distintos nas relações interpessoais. Em outras palavras, o comportamento verbal é de significância social particular, e pode, portanto, ser utilizado para projetar certos aspectos de nossa identidade sócio-cultural. Deste ponto de vista, o significado social é produto das interações individuais, pois é criado e negociado

localmente; logo, o comportamento lingüístico é entendido como uma série de “atos de identidade” (Le Page & Tabouret-Keller, 1985), expressão que diz respeito à negociação das identidades dos participantes e sua busca por papéis sociais particulares:

“O indivíduo cria para si os padrões de seu comportamento lingüístico para assemelhar-se àqueles do grupo ou grupos com que, de tempos em tempos, ele deseja ser identificado, ou para ser diferente daqueles os quais ele deseja ser distinguido.”

(Le Page & Tabouret-Keller, 1985, p.181)

Gumperz adotou o termo *pistas de contextualização* (no original “contextualization cues”) para os mecanismos lingüísticos que indexam “como o conteúdo semântico deve ser compreendido e como cada sentença se relaciona ao que a precede ou segue” (Gumperz, 1982, p.131). Vários mecanismos formais podem ser utilizados como pistas contextuais, como por exemplo, traços prosódicos, formas sintáticas, expressões formulaicas e, segundo o autor, o *code-switching*. Assim, enquanto a alternância entre códigos serve a objetivos de contextualização em situações multilingües, ela é em geral acompanhada por pistas entoacionais, rítmicas, gestuais, entre outras. Para o autor, a co-ocorrência destas pistas pode auxiliar na interpretação do significado do *code-switching*.

#### 4.1.2.

##### ***We-code versus They-code***

Gumperz (1982) introduziu os conceitos *we-code* e *they-code*, terminologia relacionada diretamente à noção de identidade, mais especificamente à identidade do grupo, para se referir à solidariedade *versus* autoridade na interação conversacional bilíngüe. Segundo o pesquisador, uma língua que expressa um tipo de solidariedade entre os participantes é chamada de “*we-type*”, e por isso é considerada mais apropriada para atividades informais e dentro do grupo, enquanto a outra língua é “*they-oriented*”, mais apropriada para relações mais formais e fora do grupo, em especial relações impessoais:

“A tendência é que a minoria lingüística, etnicamente específica, seja vista como ‘we-code’ e se associe às atividades informais e dentro do grupo, e para a maioria lingüística servir como o ‘they-code’ associado às relações fora do grupo, mais formais, cerimoniais, e menos pessoais.”

(Gumperz, 1982, p.66)

Sebba e Wootton (1998, p.262) afirmam que a distinção *we-code* / *they-code* tem sido utilizada produtivamente por muitos pesquisadores, e esta terminologia invoca consigo o conceito de identidade. Eles apontam que estes termos referem-se, respectivamente, à “língua étnica de uma comunidade bilíngüe e à língua da sociedade mais ampla dentro da qual aquela comunidade forma uma minoria”. Entretanto, existem alguns problemas associados com o uso dos conceitos *we-code* e *they-code*. O próprio Gumperz (1982, p.66) aponta que “deve ser enfatizado que (...) esta associação entre estilo comunicativo e identidade do grupo é simbólica: ela não prediz diretamente o uso real”. Auer (1991, p.333) afirmou que esta divisão é muito ampla e que não representa completamente as práticas locais dos falantes. Como resultado, ela não dá conta das “nuances de significado social atribuído às línguas num repertório bilíngüe”. O pesquisador também chama atenção para o fato que esta caracterização tende a ser empregada como “um esquema imposto a priori aos dados de alternância entre códigos”.

Gumperz também foi criticado por fazer “apelos universais acerca da ‘experiência bilíngüe’” (Stroud, 1992, p.132). Segundo Stroud, aquilo que Gumperz escreve “exibe uma tendência marcada a generalizar a partir do tipo de comunidade bilíngüe em que teve mais experiência”. Como exemplo de suas generalizações, Stroud menciona a seguinte afirmação de Gumperz (1982, p.65): “É esta separação abertamente marcada entre padrões dentro e fora do grupo que talvez melhor caracteriza a experiência bilíngüe.” Em relação ao *code-switching*, Stroud argumenta que esta terminologia indica que:

“O que os falantes fazem quando alternam entre código, então, é justapor o ‘we-code’ e o ‘they-code’. As alternâncias servem para indexar as associações e identidades relacionadas a cada ‘código’, e por saber os detalhes da situação local we-they, a intenção e o significado das trocas pode ser extrapolado pelos ouvintes e por pesquisadores.”

(Stroud, 1992, p.132)

Apesar destes conceitos terem sido posteriormente desenvolvidos por outros pesquisadores, Stroud argumenta que os estudos sociolinguísticos sobre o *code-switching* ainda são baseados na pressuposição que:

“os membros de uma comunidade de fala bilíngüe designam identidades, direitos e obrigações diferentes a cada uma de suas línguas. Falantes que alternam entre códigos são vistos como evocando os direitos, obrigações e identidades associadas a cada língua. A escolha do falante de alternar entre formas linguísticas elicia inferências conversacionais pelos interactantes, permitindo que eles compreendam o ‘significado’ da alternância.”

(Stroud, 1992, p.132)

As pesquisas em *code-switching* têm mostrado que não é possível denotar uma língua como *we-code* e outra como *they-code* (cf. Rudin, 1996; Jorgensen, 1998; Myers-Scotton, 1998; Woolard, 1988; entre outros). Ainda, afirmam que o que parece constituir um *we-code* é a mistura entre duas línguas. Jorgensen (1998, p.249) fornece argumentos para mostrar que para algumas crianças falantes de turco na Dinamarca, “a mistura entre línguas torna-se seu ‘we-code’”. Myers-Scotton (1998, p.99) também aponta que “nas comunidades em que o code-switching é o meio principal de conversação (...) o próprio code-switching – mais que qualquer uma das línguas – é a escolha não marcada”. Portanto, atualmente adota-se um ponto de vista acerca do *code-switching* como um fenômeno de identificação dentro do grupo,

“restrito àqueles que compartilham as mesmas expectativas e regras de interpretação para o uso de duas línguas. Code-switching é então usualmente visto como um mecanismo utilizado para afirmar os pedidos de pertencimento e solidariedade do grupo em contraste aos de fora.”

(Woolard, 1988, pp.69-70)

Em suma, podemos afirmar que a mistura por si mesma parece constituir o *we-code* de muitas comunidades linguísticas bilíngües. Entretanto, como Stroud (1998) aponta, associações metafóricas a línguas são pouco provavelmente resultado de negociações e contestações contínuas entre membros da comunidade, uma vez que uma comunidade de fala não é uma estrutura ideologicamente homogênea ou amorfa, mas composta de agrupamentos sociais com interesses distintos.

### 4.1.3.

#### A Tipologia Funcional de Gumperz

A tipologia funcional mais difundida na literatura foi proposta por Gumperz (1982) com base em seus estudos do *code-switching* esloveno-alemão na Áustria, inglês-hindi na Índia, e espanhol-inglês nos Estados Unidos. Ao separar as limitações sistemáticas deste fenômeno causadas por restrições sintático-morfológicas daquelas motivadas por fatores lingüísticos, motivações sociais e psicológicas, o pesquisador organizou as funções do *code-switching* em seis categorias: citação, especificação do interlocutor, interjeição, reiteração, qualificação da mensagem, e personalização *versus* objetivação.

##### (a) Citação

O *code-switching* pode ser usado para citar o que foi dito em outra língua, reportando exatamente o que foi ouvido, sendo fiel, portanto, ao contexto e ao código em que o enunciado foi produzido. Citações ou discurso indireto muitas vezes provocam a mudança de código entre bilíngües, como já havia ressaltado Gal (1979, p.179): “Tudo o que alguém precisa saber para predizer a língua em que a maioria das citações será falada é a língua em que o enunciado original foi falado”.

Nos enunciados abaixo, vemos o *code-switching* servindo à função de citação:

(34) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

Sempre que a pessoa volta, eles falam *Oh, my God!*

(Sempre que a pessoa volta, eles falam *Oh, meu Deus!*)

(35) Esloveno – *alemão* (Gumperz, 1982, p.76):

Pa prawe wen er si nit c:lt gib i si nit.

(Então ele disse *se ele não pagar por isto, eu não o darei.*)

##### (b) Especificação do interlocutor

Outra função do *code-switching* é dirigir a mensagem para um dentre possíveis interlocutores presentes no ambiente imediato, como verificado nos

exemplos a seguir, em que a alternância entre códigos serve, respectivamente, para excluir e para incluir um indivíduo na interação:

(36) Inglês – *francês* (Grosjean, 1982, p.154):

[Enfermeira bilíngüe dirigindo-se a outra, também bilíngüe, após examinar e fazer perguntas em inglês a uma paciente monolíngüe, falante de inglês]  
*Ça me paraît grave.*  
*(Isso parece ser grave.)*

(37) Inglês – *hindi* (Gumperz, 1982, p.77):

A: Sometimes you get excited and then you speak in hindi, then again you go on to English.  
 (De vez em quando você fica excitado e então fala hindi, e depois continua em inglês)

B: No nonsense, it depends on your command of English.  
 (Não faz sentido, depende do seu domínio do inglês)

B: [Para um terceiro participante, que acabou de ir à porta atender a campanha] *Kṛn hai bai?*  
*(Quem é?)*

### (c) Interjeição

O *code-switching* pode servir para marcar uma interjeição ou um preenchedor de espaço. Os enunciados a seguir ilustram esta função:

(38) Inglês – *espanhol* (Poplack, 1980, p.596):

I could understand *que* you don't know how to speak Spanish, *¿verdad?*  
 (Eu pude entender *que* você não sabe falar espanhol, *verdade?*)

(39) Inglês – *hokkien* (Tay, 1989, p.416):

A: Do what?  
 (Faz o quê?)

B: System analyst *la*  
 (Analista de sistemas, *o que mais?*)

(40) Dinamarquês – *turco* (Jorgensen, 2005, p.395):

A: Snak ordentlig jeg smadrer dig.  
 (Fale corretamente ou eu te bato)

B: *Tamam*. Jeg snakker meget ordentlig.  
 (OK. Eu falo muito corretamente.)



### (d) Reiteração

Reiteração ou paráfrase marca outra função do *code-switching*. Neste caso, a mensagem expressa em uma língua é repetida literalmente ou com algumas modificações em outra, para clarificar o que foi dito ou para aumentar o efeito perlocucionário do enunciado. Os exemplos abaixo ilustram este papel:

(41) Inglês – *espanhol* (Gumperz, 1982, p.78):

The three old ones spoke nothing but Spanish. *No hablaban Ingles.*

(Os três mais velhos só falavam espanhol. *Não falavam inglês.*)

(42) Inglês – *dinamarquês* (Arnfast & Jorgensen, 2003, p.29):

A: Hvorfor er de ikke glade?

(Por que eles não estão felizes?)

B: *I don't know.* Det ved Jeg ikke.

(*Eu não sei.* Eu não sei.)

(43) Inglês – *seSotho* – *seTswana* (Ncoko, Osman & , 2000, p.237):

A: No, no *uphumile.* You are out. *Hhe-e, o tswile.*

(Não, não,  *você está fora.* Você está fora. *Não, você está fora.*)

B: No, I'm not.

(Não, não estou.)

A: You are out, *o a bona he o qadile hape.* That is why I don't want to play with you. *Heyi wena o a bora.* That is why ke sa batle go tshameka lê wena.

(Você está fora, *veja, você começo de novo.* É por isso que eu não quero brincar com você. *Hey, você me chateia.* É por isso que eu não quero brincar com você.)

### (e) Qualificação da mensagem

Freqüentemente, a alternância entre códigos ocorre para qualificar um complemento ou argumento, como exemplificado nos enunciados a seguir:

(44) Inglês – *espanhol* (Gumperz, 1982, p.79):

The oldest one, *la grande la de once años.*

(A mais velha, *a maior, a de onze anos.*)

(45) Esloveno – *alemão* (Gumperz, 1982, p.60):

Uzeymas ti kafe? *Oder te?*

(Você quer café? *Ou chá?*)

### (f) Personalização X Objetivação

A distinção personalização *versus* objetivação sinaliza o grau de envolvimento do falante numa determinada mensagem. Segundo Stolen (1992), a personalização cria uma atmosfera particular de experiência compartilhada. No exemplo abaixo, o falante inicia seu pensamento em inglês, mas termina em espanhol para que seu interlocutor se sinta mais envolvido na mensagem e assim se crie maior intimidade. Neste caso específico, podemos dizer, utilizando a terminologia de Gumperz, que o espanhol seria a língua relacionada ao *we-code*, associada à vida pessoal e à identidade étnica do falante, enquanto o inglês seria o “they code” e estaria reservado para interações fora da comunidade.

(46) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.57):

Hey, I haven't seen you in forever. *Qué pasa?*

(Ei, não te vejo há tempo. *O que está acontecendo?*)

No exemplo a seguir, o falante sugere o uso do português numa interação com um nativo de francês, mas em seguida mitiga sua mensagem, tornando-a mais pessoal, ao completar o enunciado utilizando a língua materna do seu interlocutor.

(47) Português – *francês* (dados próprios, não publicados):

Vamos falar em português, *parce que tu dois pratiquer.*

(Vamos falar em português, *porque você precisa praticar.*)

Objetivação, por sua vez, diz respeito à alternância de código para evitar a criação de uma atmosfera mais íntima, amigável ou confortável. É o uso do *they-code* ao invés do *we-code*, ou, no caso abaixo, do inglês em detrimento do português. No exemplo a seguir, vemos que a alternância entre códigos também provoca e reflete um distanciamento:

(48) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

A: Posso passar o *vaccum cleaner* aqui?

(Posso passar o *aspirador de pó* aqui?)

B: Pode. Mas por favor, *don't take forever, 'cause I'm studying.*

(Pode. Mas por favor, *não demore muito, porque estou estudando.*)

Nos enunciados abaixo, percebemos que o *code-switching* permite a preservação da face do falante perante seu interlocutor, uma vez que a alternância entre códigos provoca a diminuição da carga semântica negativa da mensagem:

(49) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

Quando eu vi a cara dele, sabia que ele ia *dump me*.

(Quando vi a cara dele, sabia que ele ia *me abandonar*.)

(50) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

Que pena que você não *care about me*.

(Que pena que você não *se preocupa comigo*.)

A distinção personalização *versus* objetivação também diz respeito ao grau de envolvimento ou distanciamento do falante em relação à mensagem, isto é, se a afirmação diz respeito à opinião ou conhecimento pessoal ou se provém de outra fonte. A seguir, podemos verificar outro exemplo de personalização:

(51) Inglês – *francês* (King & Nadasdi, 1999, p.356):

I imagine *qu'il y en a qui l'avont encore*.

(Eu imagino *que haja quem ainda o tenha*.)

## 4.2.

### As motivações propostas por Grosjean

Grosjean (1982, p.152), em seu livro *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*, também propôs algumas razões principais para que os falantes alternem entre códigos. São elas:

#### (a) Preencher uma necessidade lingüística por um item lexical, sintagma, marcador discursivo ou preenchedor de sentença

Segundo o autor, os bilíngües geralmente explicam o fato de alternarem entre códigos por não encontrarem uma palavra ou expressão apropriada ou quando a língua utilizada não possui os itens lexicais ou traduções apropriadas para o termo desejado. Grosjean exemplifica ao afirmar que, para um francês vivendo nos Estados Unidos, “day care” não possui o mesmo sentido que

“crèche”, e “playground” não possui a mesma conotação que “parc”. O exemplo abaixo nos mostra o *code-switching* servindo à função de preenchimento lexical:

(52) Inglês – *português* (dados próprios, não publicados):

I felt so much *saudade* after he left.

(Eu senti tanta *saudade* depois que ele partiu.)

Alguns de seus informantes apontaram a necessidade de preenchimento lexical como a principal razão de alternar entre códigos:

“Eu costumo usar ambas as línguas [francês e inglês] quando estou cansado ou preguiçoso, como uma ‘maneira fácil’ quando eu não consigo encontrar uma palavra na língua que estou falando.”

(Grosjean, 1982, p.150)

“A razão pela qual eu uso tantas palavras em inglês quando eu falo com pessoas franco-falantes é porque eu acho muito difícil transmitir certas idéias ou informações sobre a minha vida diária neste país [os Estados Unidos] numa língua sem ser o inglês. Noções como ‘day care center’, ‘finger food’, ‘window shopping’, e ‘pot-luck dinners’, necessitam de algumas sentenças para explicar em francês.”

(Grosjean, 1982, p.150)

Grosjean aponta também que o falante pode não ter familiaridade com os termos em ambas as línguas, ou então relacionar determinados tópicos a uma língua específica, como no exemplo a seguir, em que mexicanos alternam para o inglês para falar sobre dinheiro, provavelmente porque a maioria das relações comerciais de compra e venda é feita em inglês na comunidade em questão:

(53) Espanhol – *inglês* (Valdes Fallis, 1976, *apud* Grosjean, 1982, p.151):

La consulta era *eight dollars*.

(A consulta era *oito dólares*.)

Ainda, o Grosjean ressalta que as trocas podem envolver expressões fixas e marcadores discursivos, como “oyes” (ouça), “fijate que” (veja), “you know” (você sabe), “pero” (mas), entre outros.

### **(b) Continuar a última língua utilizada (*triggering*)**

Grosjean afirma que uma palavra que enunciada em uma língua diferente daquela em que a interação estava sendo conduzida geralmente propicia a

continuação do discurso nesta língua. No exemplo a seguir, de uma interação entre dois lingüistas (M e E), um deles utiliza uma palavra em espanhol (“deveras”) como um *tag-switching* inserido num discurso predominantemente em inglês, mas esta palavra serve como um gatilho para a alternância de vez para o espanhol.

(54) Inglês – *espanhol* (Gumperz & Hernández-Chavez, 1970, p.295):

M: I don't think I ever have any conversations in my dreams. I just dream. Ha. I don't hear people talking. I jus' see pictures.

(Eu não acho que já tive conversas em meus sonhos. Eu simplesmente sonho. Ha. Eu não ouço pessoas conversando. Eu somente vejo imagens.)

E: Oh. They are old-fashioned, then. They're not talkies yet, huh?

(Oh, eles são antiquados, então. Eles não são falantes ainda, huh?)

M: They're old-fashioned. No. They're not talkies, yet. No. I'm trying to think. Yeah, there too have been talkies. Different. In Spanish and English both. An' I wouldn't be surprised if I even had some in Chinese. [risos]. Yeah, E. *Deveras*. [M. oferece um cigarro a E, que recusa]. *Tu no fumas, ¿verdad? Yo tampoco. Dejè de fumar*.

(Eles são antiquados. Não. Eles não são falantes, ainda. Não. Estou tentando pensar. Sim, também houve falantes. Diferentes. Em espanhol e inglês, em ambos. E eu não ficaria surpresa se eu também tivesse tido em Chinês. Sim, E. *Realmente. Você não fuma, verdade? Eu tampouco. Deixei de fumar.*)

Já na interação a seguir, percebemos três exemplos de *triggering* na fala de B, interessantes por tratar-se de um discurso de caráter metalingüístico, em que a falante comenta o uso de *code-switching* e, ainda assim, não está consciente de sua alternância entre os códigos envolvidos. Inicialmente, ela utiliza o português, dando seqüência à última língua utilizada por seu interlocutor. Em seguida, reporta um enunciado em francês e continua nesta língua, para então utilizar o inglês após a expressão “in English” ter surgido em seu discurso:

(55) Francês – *português* – inglês (dados próprios, não publicados):

A: Les sous-titres sont *em inglês*.

(As legendas são *em inglês*.)

- B: *É isso que eu digo, eu acho engraçado, porque você não disse “les sous-titres sont en Anglais” ou même “les sous-titres sont in English”, because you were talking about English, but you said it in Portuguese.*  
*(É isso que eu digo, eu acho engraçado, porque você não disse “as legendas são em inglês” ou mesmo “as legendas são em inglês”, porque você estava falando sobre inglês, mas você disse em português.)*

### (c) Citar alguém

Como mostrado anteriormente, costuma-se alternar para o código original de um enunciado ao reportá-lo, como vemos nos exemplos a seguir:

- (56) Inglês – espanhol (Gumperz & Hernández-Chavez, 1970, p.298):

Because I was speakin' to my baby... my ex-baby-sitter, and we were talkin' about the kids you know, an' I was tellin' her... uh, “*Pero como, you know... uh... la Estela y la Sandi... realistas en el teléfono. Ya hablan mucho inglés.*” Dice, “*Pos... si. Mira tu,*” dice, “*Pos... el... las palabras del television. Ya que me dice... ya me pide dinero pa'l asycrín y...*” You know? “*And then... y ese no es nada, espérate los chicarrones, you know, when they start school.*”

(Porque eu estava falando com a minha babá... minha ex-babá, e nós estávamos falando sobre as crianças, sabe, e eu estava dizendo a ela... uh, “*Mas como, você sabe... uh... a Estela e a Sandi... são precoces no telefone. Já falam muito inglês.*” Disse, “*Pois... sim. Veja você,*” disse, “*Pois.. o... as palavras da televisão. Já me diz... já me pede dinheiro para o sorvete y...*” Sabe? “*E então... e isso não é nada, espere as crianças, sabe, quando elas entrarem na escola.*”

- (57) seTswana – inglês (Ncoko, Osman e Cockcroft, 2000, p.235):

A: O utlwile se Mrs P a se buileng?

(Você ouviu o que a Sra. P. disse?)

B: Mme e se for the first time a re, *she does not want to see papers.*

(Não foi a primeira vez que ela disse, *ela não quer ver artigos.*)

C: Onketsa gore ke tshege fa a bua, a re, ‘*do you understand me, do you understand me.*’ O se bua gantsi.

(Ela me faz rir quando ela diz ‘*vocês me entendem, vocês me entendem.*’ Ela me faz rir.)

#### (d) Especificar o interlocutor

Assim como já apontado por Gumperz (1982), o *code-switching* serve para especificar um dentre vários interlocutores, como vemos na interação abaixo:

(58) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

A: Eu amei essa bolsa, eu queria comprar para carregar meu computador.  
Será que é muito cara?

B: Sei lá, deve ser, essa loja é meio careira. [Dirigindo-se a uma terceira pessoa, falante monolíngüe de inglês]. *C, ask the woman if we can take a look at this bag.*

(Sei lá, deve ser, essa loja é meio careira. *C, pergunte para a moça se podemos ver esta bolsa.*)

#### (e) Qualificar a mensagem: amplificar ou enfatizar

Grosjean afirma que o *code-switching* também pode ajudar a amplificar ou enfatizar um determinado ponto de vista. Gal (1979) também reportou várias instâncias em que a troca de código no fim de um argumento ajuda a encerrar a interação. No enunciado a seguir, o pai fala em inglês para que o filho acorde e levante, e então troca para francês para repetir e enfatizar, mostrando que seu ato de fala não é um pedido, mas sim, uma ordem.

(59) Inglês – *francês* (Grosjean, 1982, p.114):

Now it's really time to get up. *Lève-toi.*

(Agora é de verdade a hora de acordar. *Levante-se.*)

#### (f) Marcar e enfatizar a identidade do grupo (solidariedade)

Grosjean relaciona este aspecto à distinção entre *we-code* - associado às relações mais formais e menos pessoais -, e *they-code* - às atividades mais informais e dentro do grupo. Assim, a troca para a língua da minoria pode sinalizar solidariedade ao grupo. No exemplo a seguir, os falantes, ambos mexicanos, encontram-se pela primeira vez, mas, segundo Gumperz e Hernández-Chavez (1978), a expressão em espanhol é utilizada para enfatizar a solidariedade em relação ao grupo.

(60) Inglês – *espanhol* (Gumperz & Hernández-Chavez, 1978, p.296):

Mulher: Well, I'm glad that I met you. OK?

(Bom, gostei de te conhecer. OK?)

Homem: *Andale, pues*, and do come again.

(OK, e volte novamente.)

### (g) Transmitir confidencialidade, raiva, irritação

Como o *code-switching* é utilizado para qualificar a mensagem, ele pode transmitir confidencialidade ao enfatizar solidariedade, ou raiva e irritação ao criar um distanciamento através do uso do *they-code*. Grosjean menciona que, numa comunidade porto-riquenha em Jersey, as mães dão ordens aos filhos em inglês, como “Stop that” (Pare com isso) e “Don’t do that” (Não faça isso), para sinalizar que estão irritadas e que devem ser obedecidas. Um de seus informantes relatou cansaço, excitação e irritação como razões para alternar entre códigos:

“Quando eu falo com outro bilíngüe russo-inglês, eu não falo tão cuidadosamente e geralmente as línguas se misturam. Isso também acontece quando estou cansado ou excitado ou irritado.”

(Grosjean, 1982, p.150)

### (h) Excluir alguém da conversação

Ao utilizar uma língua desconhecida para um dos participantes, o falante o exclui da interação, como podemos ver no exemplo a seguir, em que cinco homens conversam em gikuyu a respeito de abrir um negócio. O primeiro a falar sugere que cada um deve pagar uma determinada quantia, mas um dos homens (que não fala inglês) diz que se trata de um valor alto, recebendo a seguinte resposta:

(61) Gikuyu – inglês (Scotton & Uri, 1977, *apud* Grosjean, 1982, p.155):

Mumanye khwenya mapesa manyisi. *Two thousand shillings should be a minimum. Anyone who can't contribute four hundred shillings shouldn't be part of this group. He should get out.*

(Você sabe que precisamos de muito dinheiro. *Dois mil xelins deve ser o mínimo. Quem não pode contribuir com quatrocentos xelins não deveria ser parte deste grupo. Ele deveria sair.*)

Um dos informantes de Grosjean (1982) comenta esta motivação para o *code-switching*:



“Eu posso propositadamente alternar numa conversação [entre alemão, francês e inglês] para confundir as pessoas que estão escutando por acaso.”

(Grosjean, 1982, p.150)

Grosjean (1982, p.155) comenta que esta estratégia pode ser embaraçosa caso se acredite erroneamente que um dos falantes desconhece a língua para a qual a interação é dirigida. Ele menciona uma situação em que dois adolescentes russos estão sentados num ônibus em Nova York e vêem uma senhora obesa de pé. Assim, um deles levanta-se e diz, em russo, para o amigo: “Vamos deixar lugar para a vaca gorda”. A senhora se senta, e coincidentemente, responde, também em russo: “A vaca gorda agradece!”.

**(i) Trocar o papel do falante: aumentar o status, adicionar autoridade, mostrar expertise**

Segundo o autor, o *code-switching* pode ser utilizado para aumentar o status, mostrar autoridade e expertise. Na interação a seguir, um passageiro e o condutor de um ônibus estão conversando em suaíli, e o condutor pede que o passageiro se sente para que depois ele dê o troco. No entanto, eles estão próximos da parada do passageiro, que diz:

(62) Suaíli – *inglês* (Scotton & Uri, 1977, pp.16-17, *apud* Grosjean, 1982, p.156):

Passageiro: Nataka change yangu.

(Eu quero o meu troco.)

Condutor: Change utapata, Bwana.

(Você receberá o troco, senhor.)

Passageiro: *I'm nearing my destination.*

(Estou chegando ao meu destino.)

Condutor: *Do you think I could run away with your change?*

(*Você acha que eu poderia fugir com o seu troco?*)

Scotton e Uri (1997) explicam que o passageiro alterna para o inglês como uma forma de mostrar autoridade, trocando seu papel de mesmo status que o condutor para um status mais elevado, já que inglês é a língua da elite educada no Quênia. No entanto, o condutor restabelece a igualdade ao responder em inglês.

### 4.3.

#### Aplicação do modelo funcional ao *code-switching*

Appel e Muysken (1987) aplicaram as funções da linguagem propostas por Jakobson (1960) para explicar as razões da alternância entre línguas. Assim, segundo os autores, o *code-switching* pode servir às funções referencial, diretiva, expressiva, fática, metalingüística e poética:

##### (a) Função Referencial

Para Appel e Muysken (1987), o *code-switching* serve à função referencial quando envolve a falta de conhecimento de uma das línguas, ou quando certos tópicos são mais apropriadamente e/ou facilmente discutidos em uma das línguas envolvidas. Grosjean (1982) reporta a fala de um informante que relata a dificuldade em falar de certos tópicos em sua língua materna:

“Eu percebo que, quando estou falando sobre política, ciência ou outros tópicos específicos, eu vou misturar as línguas, especialmente os nomes.”

(Grosjean, 1982, p.150)

No exemplo a seguir, o falante, que lecionava em inglês, alterna para o espanhol ao mudar para um tópico mais pessoal:

(63) Inglês – *espanhol* (Reyes, 2004, p.83):

We finished all the books ... Thank you. *Mira mis calzones se me andan cayendo.*

(Nós terminamos todos os livros... Obrigado. *Veja, minhas calças estão caindo.*)

##### (b) Função Diretiva

O *code-switching* pode servir a esta função quando se relaciona diretamente ao ouvinte, isto é, quando é utilizado para incluir ou excluir indivíduos numa determinada interação verbal. Na interação a seguir, os falantes A e C são bilíngües português-inglês, enquanto o resto do grupo é falante monolíngüe de inglês. A e B conversam em Inglês, mas, num determinado momento, A dirige-se a C em português para não ser compreendida pelos outros participantes:

(64) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

A: Do you wanna eat Chinese?

(Vocês querem comer comida chinesa?)

B: Maybe, it's up to you, guys.

(Talvez, vocês que sabem, gente.)

A: Ok, Chinese it is!

(Ok., chinês então!)

B: [para C] *Ai, fala que você não quer chinês, a gente já comeu ontem, que saco!*

### (c) Função Expressiva

Segundo os autores, esta função foi bastante explorada por Poplack (1980), para quem os falantes enfatizam sua dupla identidade através do uso de duas línguas no mesmo discurso. A autora, em seu estudo sobre uma comunidade porto-riquenha em Nova Iorque, afirmou que o *code-switching* era o modo discursivo que caracterizava todas as interações verbais neste grupo, enquanto as alternâncias singulares não possuíam função discursiva individualmente. Na canção a seguir, o *rap* “Mentirosa”, de Mellow Man Ace, percebemos o quanto o *code-switching* é característico da identidade mista do *rapper* e da comunidade em que está inserido. “Mentirosa” é o primeiro de seus *raps* que misturam espanhol e inglês:

(65) Inglês – *espanhol*:

Check this out, baby

*Tenemos tremendo lío*

last night you didn't go

*a la casa de tu tio* (huh?)

*resultase*, hey you were at a party

higher than than the sky

*emborrachada de Bacardi* (no I wasn't)

I bet you didn't know *que conoci al cantinero* (what?)

He told me that you were drinking, and wasting *my dinero*

Talking about, come and enjoy what a woman gives *a hombre*

(but first of all, see, I have to know your *nombre*)

now I really wanna ask ya, *que si es verdad* (would I lie?)

and please *por favor, tell me la verdad*

because I really need to know yeah *necesito entender*

If you're gonna be a player, or be my *mujer*  
 cause right now you're just a liar, a straight *mentirosa* (who me?)  
 Today you tell me something, *y mañana otra cosa*  
 (Cheque isto, querida  
*temos um tremendo caso amoroso*  
 Noite passada você não foi  
*à casa do teu tio* (huh?)  
*resulta-se*, hey você estava numa festa  
 mais alta que o céu  
*emborrachada de Barcadi* (não, não estava)  
 Duvido que você saiba *que conheci o garçom* (o quê?)  
 Ele me disse que você estava bebendo e gastando *meu dinheiro*  
 Falando, venha e aproveita o que uma mulher dá *a um homem*  
 (mas primeiro, veja, tenho que saber seu *nome*)  
 agora eu realmente quero te perguntar, *que se é verdade* eu mentiria?)  
 e por favor *por favor, me diga a verdade*  
 porque eu realmente preciso saber yeah *preciso entender*  
 se você vai ser uma jogadora, ou ser minha *mulher*  
 porque agora você é somente uma mentirosa, uma grande *mentirosa*  
 (quem, eu?)  
 Hoje você me diz uma coisa, *e amanhã outra coisa*)

#### (d) Função Fática

Para os autores, a alternância entre códigos também pode indicar uma mudança de tom na conversação, enfatizando assim a informação a ser transmitida, como é o caso de comentários e citações. Ainda, o *code-switching* pode indicar um teste do canal, ou uma vontade de se manter aberto o canal da comunicação, como vemos nas interações abaixo:

(66) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000:30):

I'm so glad you came. *Como estás?*  
 (Estou tão feliz que você veio. *Como está?*)

(67) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

A: Vou encontrar o H. no quarto.  
 B: *Which bedroom?*  
 (*Qual quarto?*)  
 A: Quarto? *Oh, fourth floor!*  
 (Quarto? *Oh, quarto andar!*)

Ncoko, Osman e Cockcroft (2000) também ressaltaram que o *code-switching* possui função fática quando o falante tenta mudar o tom da interação. Segundo os autores, esta função pode ser positiva, quando serve para diminuir a distância social ou para indicar solidariedade, ou negativa, quando funciona para aumentar a distância social. No enunciado abaixo, vemos que o falante A utiliza a língua materna, o *we-code*, para diminuir a distância entre ele e seu interlocutor.

(68) Inglês – *isiZulu* (Ncoko, Osman e Cockcroft, 2000, p.232):

A: Can I use your koki pens?

(Posso usar suas canetas koki?)

B: No, they dry quickly.

(Não, elas secam rapidamente.)

A: Oh! Please *ngizowavala mangiqeda ukuwa-user*.

(Oh! Por favor, *eu vou fechá-las depois de usar.*)

### (e) Função Metalingüística

Este tipo de função ocorre quando a alternância entre códigos é utilizada para comentar direta ou indiretamente as línguas envolvidas na interação.

(69) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.44):

No, I don't know why I decided to say that last part in Spanish. I think it was just that it came to me easier, you know? Sometimes, you have these thoughts in your head, and they don't have words to them yet. When they come out, they have words. Sometimes they are English words, *y otros son palabras españolas*.

(Não, eu não sei por que eu decidi dizer esta última parte em espanhol. Eu acho que foi só porque veio mais fácil para mim, entende? Algumas vezes, você tem esses pensamentos na sua cabeça, e eles não possuem palavras ainda. Quando eles vêm para fora, eles têm palavras. Algumas vezes eles são palavras inglesas, *e outros são palavras espanholas.*)

### (f) Função Poética

Os autores mostram que o *code-switching* pode servir à função poética no caso de poemas, trocadilhos e piadas, entre outros, em que o uso de uma língua em detrimento da outra evoca diferentes efeitos poéticos, como é o caso do

fragmento abaixo do “Manifesto antropofágico” de Oswald de Andrade, que faz alusão à famosa passagem de “Hamlet”, de Shakespeare:

(70) Português – inglês:

Tupi *or not* tupi, *that's the question.*

(Tupi *ou não* tupi, *esta é a questão.*)

#### 4.4.

#### Outros estudos por uma tipologia funcional do *code-switching*

Koziol (2000) e Richardson (2000) conduziram análises sócio-funcionalistas do *code-switching* espanhol-inglês e português-inglês, respectivamente. Seus estudos são relevantes por se tratarem de análises extensivas da alternância entre códigos em dados naturais de fala, ambos em ambiente familiar, em que há maior descontração, e conseqüentemente, de onde podemos acreditar que haja ocorrências mais espontâneas deste fenômeno lingüístico. Com base em seus *corpora*, as autoras comprovaram diversas das funções do *code-switching* apresentadas pelos pesquisadores mais influentes na área. Além disso, seus dados também são interessantes por envolverem grupos de línguas muito próximas ao acadêmico brasileiro.

##### 4.4.1.

##### O estudo conduzido por Koziol

Em seu estudo sobre as funções do *code-switching* inglês-espanhol, Koziol (2000) baseou-se em questionários e gravações de dados naturais de fala. Inicialmente, através dos questionários, ela obteve de seus sujeitos as prováveis razões para a alternância entre códigos; em seguida, através dos dados gravados, buscou comprovar se a intuição dos seus informantes sobre o *code-switching* era factual. Os sujeitos de sua pesquisa apontaram seis razões para a alternância entre códigos: familiaridade, informalidade, ambiente, papéis sociais, tópico e características físicas.

### **(a) Familiaridade**

A maior parte dos seus entrevistados afirmou que a familiaridade era o fator principal para realizar ou não *code-switching*. Para seus informantes, quanto menos conheciam o interlocutor, menos provavelmente alternariam entre códigos, uma vez que não saberiam se ele é receptivo ao *code-switching*, seu nível de proficiência nas línguas envolvidas, ou sua preferência por uma determinada língua. Portanto, afirmaram que costumavam realizar *code-switching* somente com familiares e amigos, e nunca em ambiente de trabalho, como podemos ver a seguir:

“Eu somente alternaria entre códigos entre pessoas que eu conhecesse muito bem. Eu sei que eu sempre faço isso em casa. Nunca no trabalho, entretanto. Ou talvez, se não há [clientes] na loja. Se um dos meus amigos chega, nós podemos começar a conversar, mas eu tento não usar espanhol se há alguém mais lá. No entanto, algumas vezes acontece de qualquer maneira.”

(Koziol, 2000, p.54)

### **(b) Informalidade**

Segundo seus dados, situações informais consistiam num fator quase tão decisivo quanto a familiaridade. Grande parte de seus sujeitos afirmou que o *code-switching* era desencorajado em ambientes formais, enquanto que, em situações mais informais, como encontros de família, eles se sentiam livres para alternar entre códigos.

### **(c) Ambiente**

Mais de 70% dos informantes de Koziol afirmaram que o ambiente (ou *setting*) é um fator importante na decisão de realizar ou não *code-switching*, encontrando-se, portanto, bem próximo dos dois fatores anteriores. A autora afirma que formalidade e ambiente são conceitos distintos, embora intimamente relacionados, pois o primeiro se refere à situação social, enquanto o segundo, à localização de fato. Assim, os falantes tendem a alternar entre códigos em casa, mas raramente no trabalho, por exemplo, mesmo que os interlocutores sejam os mesmos, como disse um informante de Koziol:

“Eu sei que eu alterno entre códigos em casa, mas eu nunca faria isso no trabalho.”

(Koziol, 2000, p.54)

#### **(d) Papéis**

Em seguida, os informantes mencionaram a importância da relação entre os interlocutores. Por exemplo, um de seus entrevistados afirmou que não alternaria entre códigos com um professor ou advogado, mesmo de origem hispânica, pois “you just don’t do that with those people” (“você simplesmente não faz isso com aquelas pessoas”) (p. 25). Ainda, membros mais jovens do grupo afirmaram que utilizam somente espanhol nas interações com conhecidos mais velhos, a não ser que estes últimos tenham introduzido a alternância entre códigos.

#### **(e) Tópico**

Muitos autores (entre eles, McClure, 1981, 1988) notaram que a mudança de tópico pode ocasionar a alternância entre códigos, mas somente 20% dos informantes de Koziol relataram este fator como relevante. A pesquisadora reporta informantes de dois estudos que precederam o seu:

“Eu posso falar sobre qualquer coisa em qualquer língua, e eu faço.”

(Méndez, 2000, *apud* Koziol, 2000, p.25)

“Para mim, é difícil discutir algumas coisas em espanhol – como política ou muitas das atividades do meu clube – porque eu sempre falo sobre elas e ouço sobre elas em inglês. É simplesmente mais natural utilizar inglês com elas e espanhol para coisas como novidades na família.”

(Sides, 2000, *apud* Koziol, 2000, pp.25-26)

#### **(f) Características Físicas**

Este fator havia sido sugerido por McClure (1981) e Becker (1997), mas foi considerado o menos importante para os informantes de Koziol. A maioria afirmou que conhecia muitas pessoas que, num ambiente formal, por exemplo, não falavam em espanhol simplesmente por terem presumido, pelas características físicas, que seu interlocutor era de origem hispânica. Se eles alternavam entre códigos com um desconhecido, era por razões distintas, como terem sido apresentados num ambiente em que todos estavam alternando entre códigos.



Conforme mencionado anteriormente, muitas vezes os falantes bilíngües não percebem qual língua estão utilizando numa determinada interação, nem mesmo se alternaram ou não entre códigos. Portanto, Koziol também gravou dados naturais de fala de seus informantes para compará-los com as respostas obtidas em suas entrevistas, e, com base em trabalhos anteriores, propôs catorze categorias funcionais do *code-switching*, que podem co-ocorrer num mesmo enunciado. A seguir, estas funções estão expostas de acordo com a frequência de ocorrência em seus dados.

### **Funções do *code-switching*:**

#### **(a) Personalização**

Este fator, percebido por inúmeros outros autores (McClure, 1981; Scotton, 1988; Gumperz, 1967, 1982), correspondeu à maior parte de alternância entre códigos nos dados de Koziol. Na entrevista que conduziu, um informante, quando perguntado sobre qual seria a sua reação se uma pessoa desconhecida começasse a alternar entre línguas numa conversa, afirmou:

“A respeito de como eu responderia na minha fala, eu não tenho certeza. Eu provavelmente utilizaria a língua para a qual eles alternaram. Mas geralmente eu gosto quando alguém alterna entre línguas comigo. Isso significa que vamos ser amigos. Ou, se é alguém que eu já conheço, isso traz algo mais à conversa e a torna mais pessoal.”

(Koziol, 2000, p.54)

No exemplo a seguir, o falante inicia a interação em inglês, mas alterna para o espanhol para criar uma atmosfera mais íntima com seu interlocutor. Neste caso, o inglês seria o *they-code* e o espanhol, o *we-code*:

(71) Inglês – espanhol (Koziol, 2000, p.56):

Lupe, Ricky, it's time to go. *Donde está la madre?*

(Lupe, Ricky, é hora de ir. *Onde está a sua mãe?*)

#### **(b) Reiteração**

Outra categoria freqüente encontrada em seus dados é a reiteração, que ocorre quando o falante repete exatamente o que havia dito numa outra língua

para enfatizar a mensagem. Os exemplos a seguir ilustram mais uma vez esta função do *code-switching*:

(72) Espanhol – *inglês* (Koziol, 2000, p.30):

Cuando fuimos a Galveston, llovió cada día. *Every day!*  
(Quando fomos a Galveston, choveu todos os dias. *Todos os dias!*)

(73) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.30):

That's just not fair, *es injusto!*  
(Isso não é justo, *é injusto!*)

(74) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

A: Você já gostava de Mac antes?  
(Você já gostava de Mac antes?)  
B: Eu consegui me acostumar. *I didn't mind, I got used to it.*  
(Eu consegui me acostumar. *Não me incomodava, eu me acostumei a ele.*)

(75) Português – *francês* (dados próprios, não publicados):

Você vai apresentar? *Tu vas présenter?*  
(Você vai apresentar? *Você vai apresentar?*)

### (c) Designações

Esta categoria apresentada por Koziol é inédita, não tendo sido percebida pelos pesquisadores que a precederam. A autora mostrou que muitos membros, sobretudo os mais jovens, utilizavam espanhol de maneira carinhosa para designar seus amigos ou mesmo para depreciá-los, como nos exemplos abaixo:

(76) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.31):

Hey, *chica*, where have you been?  
(Ei, *menina*, por onde você tem andado?)

(77) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.58):

There goes *la loca* again. Always yelling.  
(Lá vai *a louca* de novo. Sempre gritando.)

**(d) Substituição (apostos)**

Esta também é uma nova categoria apresentada por Koziol, embora possa ser vista como um tipo de clarificação. Ao fazer uso deste tipo de substituição, o falante pode oferecer uma identificação equivalente para o tópico, em geral definindo-o ou relacionando-o a outro assunto:

(78) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.31):

Tonio, *mi hijo*, is the boy with the red jacket.

(Tonio, *meu filho*, é o menino com a jaqueta vermelha.)

(79) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.31):

She goes to St. Anne's, *la escuela nueva de nuestra iglesia*.

(Ela estuda na St. Anne, *a escola nova da nossa igreja*.)

**(e) Ênfase**

Esta categoria reflete a escolha de um código para enfatizar algum fragmento do enunciado, como podemos ver no exemplo a seguir, em que a palavra “politicians” é dita em inglês para mostrar que eles não fazem parte da comunidade hispânica. Em seguida, o falante volta ao inglês para enfatizar sua idéia central de que o hispânico é importante somente pelo seu voto:

(80) Espanhol – *inglês* (Koziol, 2000, p.32):

Los Hispánicos no son importantes para los *politicians* o para la policía, *except in this election*.

(Os Hispânicos não são importantes para os *políticos* ou para a polícia, *exceto nesta eleição*.)

O exemplo a seguir também ilustra esta categoria:

(81) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

A: O que você precisa, B.? É só uma *letter* dizendo que sou *student* e que tô *enrolled*? É?

(O que você precisa, B. ? É só uma *carta* dizendo que sou *estudante* e que tô *matriculada*? É?)

B: *Full-time student*. Você tá mandando e-mail para o FIT, né?

(Estudante em tempo integral. Você tá mandando e-mail para o FIT, né?)

### (f) Clarificação

Esta função, já apontada por Gumperz (1982), entre outros, ocorre quando o falante deseja especificar algo sobre o qual está falando, evitando assim, desentendimentos ou compreensão incompleta:

(82) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.33):

Tia: What do you want for graduation?  
(O que você quer de formatura?)

Menina: CDs, a multi-disc player –  
(CDs, um toca-discos-)

Mãe: She needs things for college... *Una lampa, toallas, mantas.*  
(Ela precisa de coisas para a faculdade... *Uma lâmpada, toalhas, mantas.*)

Koziol também menciona o enunciado a seguir; entretanto, este se encaixaria melhor na categoria que ela chamou de substituição, o que pode revelar a falta de necessidade de tal termo, já que podemos considerar a clarificação uma categoria superordenada à substituição ou apostos:

(83) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.59):

Rose – *mi hermana, no la esposa de Roberto* – is going to have another baby.

(Rose – *minha irmã, não a esposa de Roberto* – vai ter outro filho.)

### (g) Objetivação

A objetivação, já discutida em Gumperz (1982), é o oposto da personalização, e reflete a resistência à criação de uma atmosfera mais íntima, amigável ou confortável, como vemos no exemplo a seguir:

(84) Inglês - *espanhol* (Koziol, 2000, p.34):

Mãe: This semester, just try to do better.  
(Este semestre, tente fazer melhor.)

Filha: I'm already trying, *pero es difícil. Mis amigos...*  
(Eu já estou tentando, mas é difícil. Meus amigos...)

Mãe: Don't bring your friends into this...  
(Não envolva seus amigos nisso...)

Nesta interação, percebemos que, quando a filha alternou para o espanhol, provavelmente para personalizar a interação e criar uma atmosfera mais íntima, a mãe, que pretendia ser objetiva e distante, retomou o controle da conversa ao alternar novamente para o inglês.

#### (h) Falta de tradução adequada

Quando perguntados sobre as razões para alternarem entre códigos, os falantes geralmente reportam a falta de tradução adequada, embora esta função do *code-switching* tenha correspondido, em seu *corpus*, a um pequeno grupo dentre as demais funções. O exemplo abaixo mostra um conceito que não existe em inglês, “corrido”, balada de tradição hispânica:

(85) Inglês - *espanhol* (Koziol, 2000, p.34):

Do you remember that *corrido* from when we were kids?  
(Você lembra daquele *corrido* de quando éramos crianças?)

#### (i) Mitigação da mensagem

Koziol aponta que o *code-switching* serve para fazer a mensagem soar mais educada, ou mesmo para controlar o interlocutor ao criar uma atmosfera mais pessoal e íntima através do uso do *we-code*. Esta função confunde-se com personalização, mas carrega, segundo a autora, um sentido mais claro de busca de convencimento do interlocutor.

(86) Inglês - *espanhol* (Koziol, 2000, p.58):

Mãe: Have you done all of your homework?  
(Você fez todo o seu dever de casa?)  
Filha: *Más o menos*. I'm done with everything that's due tomorrow.  
(*Mais ou menos*. Eu terminei tudo que é para amanhã.)

#### (j) Interjeições

Também já mostrado por Gumperz (1982), este tipo de *code-switching* é uma exclamação que chama a atenção do ouvinte, muitas vezes utilizada por ser uma expressão frequente na outra língua:

(87) Inglês - *espanhol* (Koziol, 2000, p.35):

*Dios mio*, it's past your bedtime!

(*Meu Deus*, passou da sua hora de dormir!)

(88) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

*Ouch!* Esse tapa doeu!

(*Ai!* Esse tapa doeu.)

(89) Português – *inglês* (dados próprios, não publicados):

Eu preciso de tempo para botar a cabeça no lugar, *understand?*

(Eu preciso de tempo para botar a cabeça no lugar, *entende?*)

### (k) Parênteses

Koziol define esta categoria como informação extra ou incidental que o falante dá ao ouvinte acerca de um tópico, confundindo-se, portanto, com as funções de clarificação e substituição.

(90) Inglês - *espanhol* (Koziol, 2000, p.36):

Do you remember Mrs. Sanchez – (*del coro a la iglesia?*) – she's having a baby.

(Você se lembra da Sra. Sanchez – (*do coro da igreja?*) – ela vai ter um bebê.)

### (l) Endurecimento da mensagem

Esta categoria é o oposto da mitigação da mensagem e consiste no uso da “they code” para um efeito de distanciamento e ênfase de um determinado ponto, como podemos ver no exemplo a seguir, em que a mãe fala em espanhol para seus filhos se prepararem para ir dormir, mas, por não ser imediatamente atendida, utiliza o inglês:

(91) Espanhol – *inglês* (Koziol, 2000, p.36):

Dientes, cara, pijamas... [pausa] *Move it!*

(Dentes, rosto, pijamas... [pausa] *Vão!*)

### (m) Citação

Como mostrado anteriormente, citações são muitas vezes reportadas na língua em que foram originalmente ditas. Koziol nos mostra um exemplo recolhido em seus dados:

(92) Inglês – *espanhol* (Koziol, 2000, p.37):

He said “*con cariño*”. What else could it mean?

(Ele disse “*com carinho*”. O que mais isso poderia significar?)

### (n) Mudança de tópico

Há uma tendência geral, conforme mencionado, de utilizar o “we code” para tratar de assuntos familiares e o “they code” para assuntos acadêmicos ou profissionais, como podemos ver no exemplo a seguir, em que se alterna do espanhol para o inglês e vice-versa de acordo com a mudança de tópico família-estudos-família:

(93) Espanhol – *inglês* (Koziol, 2000, p.37):

A: ... y Jenifer, cómo es ella?

(... e Jenifer, como ela está?)

B: Muy bien. Tiene muchas amigas.

(Muito bem. Tem muitas amigas.)

A: Dónde está? Por qué no está aquí?

(Onde ela está? Por que não está aqui?)

B: Está en la universidad, TCJC. *It's a community college, but next year she should be able to transfer to the city college as pre-med.*

(Está na universidade, TCJC. *É uma faculdade da comunidade, mas no ano que vem ela deve poder se transferir para a faculdade da cidade como pre-med* [estudos que precedem o curso de Medicina]).

A: *Then she's getting good grades?*

(*Então ela está tendo boas notas?*)

B: *Oh, yes. She has to keep her scholarship pero es difícil con el bebé...*

(*Ah, sim. Ela tem que manter sua bolsa, mas é difícil com o bebê...*)

#### 4.4.2.

#### O estudo conduzido por Richardson

Um último levantamento que merece ser mencionado foi conduzido por Richardson (2000) sobre o *code-switching* português-inglês, com base num *corpus* obtido pela observação participante de quinze horas de gravações das interações conversacionais de sua família. Com base na abordagem sócio-interacionista de Gumperz (1982) e no Modelo de Marcação de Myers-Scotton (1993a), que veremos mais abaixo, a autora apresenta as seguintes funções e estratégias comunicativas implícitas pela alternância entre códigos encontrada em seu *corpus*:

##### (a) Função de citação

Mais uma vez, esta função aparece como fundamental, marcando uma reprodução autêntica do discurso de outra pessoa.

(94) Inglês – *português* (Richardson, 2000, p.65):

They are going to think that they are mine, so when you wear them they will say: “Hi... *Está usando roupa da sua irmã!*”

(Eles vão pensar que são minhas, então quando você usá-las, eles vão dizer: “Oi... *Está usando roupa da sua irmã!*”)

##### (b) Função ecóica

Segundo a autora, o *code-switching* pode ser utilizado para se obter um efeito irônico. Myers-Scotton (1993a) mostra que a alternância entre códigos possui efeito estilístico ao introduzir um novo cenário, o que ela chama de conjunto de direitos-e-obrigações (cf. seção 4.5.1), sendo que um destes efeitos pode ser a marcação de ironia no discurso, como podemos ver no exemplo a seguir:

(95) Inglês – *português* (Richardson, 2000, pp. 66-67):

She kept going on, hours and hours and hours... annoying... when the teacher turned his back she kept “HUU!!... HUU!!” and then we would look at her and she would say “WHAT? I didn’t do anything, sir” and he said assim “Yes, B., you said HUU!!... HUU!!” and the whole class



laughed and she would say: “Ok, sir fine” ... “*Ai que HORROR!... Eu não AGUENTO!!!*” ... and he would say “What did you say?”

(Ele continuou, por horas e horas e horas... irritando... quando o professor virou de costas, ela continuou “HUU!!... HUU!!” e então ele olhava para ela e ela dizia “O QUÊ? Eu não fiz nada, sr” e ele disse assim “Sim, B., você disse HUU!!... HUU!!” e toda a turma riu e ela dizia “Ok, sr, certo” ... “*Ai que HORROR!... Eu não AGUENTO!!!*” ... e ele dizia “O que você disse?”)

Segundo Richardson, a sentença “*Ai que HORROR!... Eu não AGUENTO!!!*” foi inserida no discurso da falante para reproduzir a forma irônica em que ela foi inicialmente reproduzida. Entretanto, podemos considerar que, apesar de possuir esse efeito de marcação de ironia, tal *code-switching* trata-se de uma citação e, como tal, deveria reproduzir quaisquer efeitos estilísticos dos enunciados originais.

### (c) Função enfática

Certas alternâncias entre códigos tratam-se de repetição ou paráfrase de uma mensagem para que ela seja enfatizada. Esta função também foi apresentada e exemplificada por diversos outros autores, e Richardson apresenta alguns exemplos interessantes, como:

(96) Português – *inglês* (Richardson, 2000, p.67):

Por que é que você não pode comer comida normal, vovó D.? *Why can't you eat normal food?*

(Por que é que você não pode comer comida normal, vovó D.? *Por que você não pode comer comida normal?*)

(97) Português – *inglês* (Richardson, 2000, p.67):

Mãe, ela bateu no meu rosto! *On my face!*

(Mãe, ela bateu no meu rosto! *On my face!*)

### (d) Qualificação ou explicação

Conforme apontado por outros pesquisadores, a autora mostra que o *code-switching* pode possuir função explicativa, como nos enunciados a seguir:

(98) Português – *inglês* (Richardson, 2000, p.68):

Estou com dor de cabeça e dor de garganta, *that medicine you gave me is getting me worse.*

(Estou com dor de cabeça e dor de garganta, *esse remédio que você me deu está me deixando pior.*)

(99) Português – *inglês* (Richardson, 2000, p.68):

Eu saí no meio porque *I had to wash my hands.*

(Eu saí no meio porque *eu tive que lavar minhas mãos.*)

### (e) Especificação do interlocutor

Como apontado anteriormente, a alternância entre códigos pode direcionar a mensagem para um dentre diversos outros interlocutores, como na interação abaixo, em que M e V são bilíngües português-ínglês e N é falante monolíngüe de inglês.

(100) Inglês – *português* (Richardson, 2000, p.69):

N: Yeah, it looks a fantastic holiday to go!

(Sim, e parecem férias fantásticas para ir!)

V: Why he's selling it?

(Por que ele está vendendo?)

M: I think he had enough. He wants to go back to France.

(Eu acho que ele se cansou. Ele quer voltar para a França.)

V: Han...

(Han...).

M: ... Could you pass the salt, please? ... *Tem aí?* [Dirigindo-se a V.]

(... Você poderia passar o sal, por favor? *Tem aí?*)

V: hum, hum.

(hum, hum.)

M: Would you like some salt? [Dirigindo-se a N.]

(Você quer sal?)

N: Go ahead.

(Vá em frente.)

### (f) Segregação de *outsiders*

O *code-switching*, como vimos mais acima, serve também para salientar a identidade étnica dos falantes, bem como para excluir da interação participantes

que não pertencem a este grupo. Os exemplos de Richardson, entretanto, não são de alternância entre códigos em si, mas sim de comentários sobre elas, como vemos na conversa a seguir, a respeito de famílias que utilizam línguas étnicas no ambiente familiar:

(101) Inglês – português (Richardson, 2000, p.70):

V: J.'s mother? ... I can always hear her in the telephone... *isso aqui* “J.! ... XHA, XHA... XHA, XHA” and then she says “I have to go” and then I say... “Ok, bye”... and she puts the phone down! [A mãe de J. é filipina]

(A mãe da J.? ... Em sempre consigo ouvi-la no telefone... *isso aqui* “J.!... XHA, XHA... XHA, XHA” e então ela diz “Eu tenho que ir” e então eu digo... “Ok, tchau”... e ela desliga o telefone!)

M: Às vezes lá na Escócia, quando ouviam eu falar com você, falavam a mesma coisa...

(Às vezes lá na Escócia, quando ouviam eu falar com você, falavam a mesma coisa...)

A: É em português “TU, TU, HU, TÁ!”... lembra, que quando falava português eles ficavam assim... “Oh? What did she say?”

(É em português “TU, TU, HU, TÁ!”... lembra, que quando falava português eles ficavam assim... “Oh? O que ela disse?”)

### (g) Marcação de pertencimento a um grupo

Esta estratégia apontada por Richardson diz respeito ao uso do *we-code* versus *they-code* para expressar alinhamento ou distanciamento com o interlocutor, como podemos ver no seguinte exemplo, em que as expressões “Eu fiquei quieta” e “dedurar” demonstram, respectivamente, um comentário pessoal e um alinhamento com os colegas da interlocutora:

(102) Inglês – português (Richardson, 2000, p.71):

That's cheating. I know! And the teacher said: “Why the other classes did better than this class?” *Eu fiquei quieta*. I'm not going to *dedurar* all my friends, just because I think who it was... I think it was X. And if I gotten... told on her..., mãe, is like... is not... is wrong, but is not something people usually do, mãe!

(Isso é trapacear. Eu sei! E a professora disse: “Por que as outras turmas foram melhor que esta turma?” *Eu fiquei quieta*. Eu não vou *dedurar* todos os meus amigos, só porque eu acho que foi... Eu acho que foi X. E se eu

tivesse dito... falado dela..., mãe, é como... não é... é errado, mas não é algo que as pessoas geralmente fazem, mãe!!)

### (h) Manutenção da coerência textual

A alternância entre códigos também pode fazer alusão a conceitos relacionados a uma determinada cultura. Entretanto, os exemplos de Richardson aplicam-se ao que Koziol (2000) chamou de designações:

(103) Inglês – *português* (Richardson, 2000, p.75):

Do you know that *tia* J. is going to see *tia* P. this weekend?  
(Você sabe que a *tia* J. vai ver a *tia* P. este fim de semana?)

(104) Inglês – *português* (Richardson, 2000, p.75):

*Pai*, come here!  
(*Pai*, vem aqui!)

### (i) Deferência

Esta função apresentada pela autora relaciona-se ao que Myers-Scotton (1993a) chamou de *Estratégia de Deferência*, que diz respeito à alternância entre códigos para incluir na interação um participante que não é proficiente na língua utilizada inicialmente (cf. seção 4.5.3). Na interação a seguir, V. utiliza português para falar com D., que, apesar de saber inglês, é falante nativa de português, e faz uso do inglês para se dirigir à M.:

(105) Inglês – *português* (Richardson, 2000, pp.76-77):

V: But he did the call. What is something that's not normal. He did the call, he ordered it, not the secretary. That's why my name wasn't on the list.

(Mas ele fez a ligação. O que é algo que não é normal. Ele fez a ligação, ele encomendou, não a secretária. É por isso que meu nome não estava na lista.)

M: *É, eu bypasssei a secretária, que ontem falou para mim cinco dias...*

(*É, eu passei pela secretária, que ontem falou para mim cinco dias...*)

D: *Foi o que ela falou para nós.*

V: *Não!*

D: *Ela já baixou para três.*

V: *Ok, mãe, I have TV to watch, excuse me!*

(Ok, mãe, eu tenho TV para assistir, com licença!)

D: *Na hora que a moça estava dizendo que tinha várias Vanessas, que eu pedi para dar uma espiadinha para ver se o nome dela estava...*

V: *Vovó D. estava toda estressada, toda brava. “Ah vamos agora, na vai chegar não”...*

D: *Estressada não! minha filha... Eu estava insistindo com a moça para olhar se o seu estava certo...*

(...) [V. derruba um copo na mesa.]

M: *Que bagunça filha!*

V: *Sorry, I only messed up... only over there.*

(Desculpe, eu só sujei... só ali.)

### (j) Expressão de autoridade

A alternância entre códigos também pode ser utilizada para expressar autoridade, raiva e descontentamento, como mostrado anteriormente. A interação a seguir ilustra esta função do *code-switching*, embora podemos considerar que, no caso abaixo, o uso do inglês sirva à função de objetivação sugerida por Gumperz (1982):

(106) Português – inglês (Richardson, 2000, p.77):

M: *Aquele convite, de quem é? Da G. ?*

A: *Mãe, WHY do you go IN MY THINGS and look whose convite it is?*

(Mãe, *POR QUE* você vai *NAS MINHAS COISAS* e vê de quem é esse convite?)

### (l) Neutralidade

Myers-Scotton (1993a) afirma que podemos utilizar o *code-switching* como estratégia de neutralidade. Neste caso, o uso constante da alternância entre códigos, o que Myers-Scotton chama de *code-switching não-marcado*, reflete a dupla identidade dos falantes e é realizado quando se deseja manter o *status quo* (cf. seção 4.5.3.1). Richardson nos fornece o seguinte exemplo:

(107) Português – inglês (Richardson, 2000, p.80):

C: *Eu vou para Bonito.*

V: *Ah é? Where?*

(Ah é? Onde?)

C: *Em Mato Grosso.*

- V: *Go to “Recanto Ecológico” my uncles’s... it’s very cool*  
*(Vá para o “Recanto Ecológico” do meu tio.. .é muito legal)*
- M: *You’re going to Campo Grande, then... Are you flying to Campo Grande?*  
*(Você vai para Campo Grande, então... Você vai voar para Campo Grande?)*
- C: Não sei se eu vou para o Pantanal primeiro, aí depois é que eu vou para Bonito.
- V: *I’m also going to Campo Grande, né?*  
*(Eu também vou para Campo Grande, né?)*
- M: É.
- V: *Mas mãe, poxa.... it’s not fair... could we go to Bonito as a tourist?*  
*(Mas mãe, poxa.... não é justo... nós podemos ir para Bonito como turistas?)*
- M: *Sure cute.*  
*(Claro, querida.)*
- V: *You know, they’re the owners right? And you go with them and you can’t do anything... and I said let’s go ride horses “Não! Only the tourists”... ela falou assim (...) “Só para os turistas, só” but I said “But you own the place!” e ela “E daí? tem que dar priority para os turistas”... Ai meu Deus!... I had to wait for them to eat... Good thing that you can have a bath in the river... but that’s the only thing you’re allowed to do!*  
*(Você sabe, eles são os donos, certo? E você vai com eles e você não pode fazer nada... e eu disse, vamos andar a cavalo “Não! Somente os turistas”... ela falou assim (...) “Só para os turistas, só” mas eu disse “Mas você é dona do lugar!” e ela “E daí? tem que dar prioridade para os turistas”... Ai meu Deus!... Eu tinha que esperá-los comer... É uma boa coisa que você pode tomar banho de rio... mas é a única coisa que você pode fazer!)*

Por fim, cabe ressaltar que, além de apresentar onze funções a que a alternância entre códigos serve na interação, a autora observou que o *code-switching* poderia ser considerado, com base em termos saussurianos, a “*parole bilíngüe*”, que se caracteriza pela “alternância entre códigos entre turnos e/ou pela presença de sentenças híbridas durante uma interação conversacional entre bilíngües” (Richardson, 2000, p.6). Com base na noção de *marcação de códigos* proposta por Myers-Scotton (1993a), que desenvolveremos na seção abaixo, Richardson mostrou que o uso do *code-switching*, isto é, a “*parole bilíngüe*”, é a

forma não-marcada nas interações com amigos e familiares bilíngües que compartilham a mesma realidade lingüística e cultural.

#### 4.5.

#### **O Modelo de Marcação de Myers-Scotton**

Com base em dados de *code-switching* em duas comunidades africanas – Nairobi, Quênia e Harare, Zimbábue –, Myers-Scotton (1993a) propôs um modelo teórico com a intenção de explicar as motivações sócio-psicológicas da alternância entre códigos, relacionando-a ao conceito de marcação. Este conceito chave na análise de Myers-Scotton foi utilizado inicialmente pela Escola de Praga e decorre da observação que a escolha lingüística geralmente se encaixa dentro de um sistema de oposições. Assim, num sistema lingüístico, o membro não-marcado de uma oposição polar possui menos características distintivas, sendo, portanto, mais simples; enquanto o membro marcado possui especificações adicionais ao *default*. No sistema de gênero natural em português, por exemplo, podemos dizer que o masculino é a forma não-marcada, e o feminino, a forma marcada. Assim, tem-se o substantivo “menino” como o elemento mais geral, freqüente ou neutro, e “menina” como o membro mais específico ou diferenciado. Esta é uma oposição privativa entre a presença de uma propriedade e sua ausência, pois a escolha marcada torna-se significativa por não ser a escolha não-marcada, idéia central no modelo proposto por Myers-Scotton.

No entanto, cabe ressaltar que Gumperz & Hernández-Chavez (1970), em seu estudo precoce sobre o *code-switching* entre hispano-americanos na Califórnia, já tinham percebido esta idéia de marcação em relação aos códigos lingüísticos, embora não tenham desenvolvido o tema além do que vemos a seguir:

“(...) variedades de fala, assim como palavras, são potencialmente significativas, e em ambos os casos isto é trazido na re-interpretação dos significados em relação ao contexto. Enquanto a variedade em questão é utilizada em seu ambiente natural, somente o sentido referencial básico é comunicado. Mas quando ela é utilizada num novo contexto, ela se torna *marcada* socialmente, e os valores associados ao contexto original são mapeados para a nova mensagem.” [minha ênfase]

(Gumperz & Hernández-Chavez, 1970, pp.300-301)

De acordo com Myers-Scotton, a competência bilíngüe inclui uma *métrica de marcação*, uma estrutura cognitiva universal que permite aos falantes avaliarem a marcação de escolhas de código dentro de sua comunidade. Para a autora, os participantes ingressam numa interação conversacional com expectativas similares, sejam elas a respeito das escolhas de código ou das intenções comunicativas não-marcadas. Desta maneira, o falante é visto como um ator criativo cujas escolhas lingüísticas transmitem um sentido intencional. Com base nessa idéia, a autora postulou o *Modelo de Marcação*:

“A teoria por trás do modelo de marcação propõe que os falantes possuem um senso de marcação quanto aos códigos lingüísticos disponíveis para qualquer interação, mas escolhem seus códigos com base na persona e/ou na relação com outros que eles desejam estabelecer. Esta marcação possui uma base normativa dentro da comunidade e os falantes também sabem as conseqüências de fazer escolhas marcadas ou não-marcadas. Como a escolha não-marcada é mais ‘segura’ (isto é, não transmite surpresas porque indexa uma relação interpessoal esperada), os falantes geralmente fazem esta escolha. Mas nem sempre. Os falantes avaliam os custos e recompensas potenciais de todas as escolhas alternativas, e fazem suas decisões, tipicamente inconscientes.”

(Myers-Scotton, 1993, p.75)

De acordo com seu modelo, os falantes fazem escolhas a respeito de quando e como trocar ou alternar entre códigos, e os ouvintes interpretam o *code-switching* considerando suas implicações prováveis. Myers-Scotton ressalta, no entanto, que, enquanto a métrica de marcação é universal, ela diz respeito a uma habilidade particular, ou seja, somente podemos falar de marcação de uma determinada escolha em referência a um evento de fala específico dentro de uma comunidade. Assim, a escolha de código é vista como um sistema de oposições, mas não categórico, pois na realidade ela se encaixa num *continuum* como mais ou menos marcada.

Para exemplificar, a autora mostra uma interação em que a escolha não-marcada é o uso contínuo de *code-switching* ao invés de uma ou outra variedade específica:

(108) Shona – *inglês* (Myers-Scotton, 1993, pp.83-84):

A: Mukaite ve-*age*, imwechete munogara muchinetsana.

(Se vocês têm a mesma *idade*, vocês não vão viver em paz.)

B: Ende furi *better* kuroorwa ne murume anenge aguta *pleasure*.



(E então é *melhor* ser casada com um marido que está cansado de *prazer*.)

A: Ava kuziva zvole.

(Que conhece tudo.)

B: Ee, *because* mukadszi unogona kukasika kuzviita *adjust*, kuziva kuti yaa, *I am somebody's wife*.

(Sim, *porque* uma mulher pode se *ajustar* facilmente, para saber que sim, *eu sou a esposa de alguém*.)

#### 4.5.1.

#### Grupos de direitos-e-obrigações

A autora introduz o conceito de *grupos de direitos-e-obrigações* (doravante DO), que representam os traços situacionais salientes para a comunidade num determinado tipo de interação. Cada código utilizado numa comunidade particular indexa um grupo de DO e, portanto, invocam relações diferentes entre falante e ouvinte. Destarte, “um grupo de DO é um construto abstrato, derivado de fatores situacionais, que dizem respeito às atitudes e expectativas dos participantes em relação uns aos outros” (Myers-Scotton, 1993a, p.85). Ao compartilhar tipos similares de experiência com uma determinada variedade, os membros de uma comunidade chegam a um consenso acerca das associações de cada código. Através destas associações, um código passa a indexar um grupo de DO, que é formado por traços, como [-/+autoridade].

Portanto, o código que é mais frequentemente associado a um grupo particular de DO representa a escolha não-marcada naquele tipo particular de interação, enquanto o uso de um código não esperado constituiria uma escolha de código marcada. Para exemplificar, Myers-Scotton mostra que o uso de inglês em Nairobi é marcado, podendo indexar uma série de atributos, incluindo principalmente [+alto nível educacional], [+status sócio-econômico], [+autoridade], [+formalidade] e [+oficialidade]. O uso da língua da minoria étnica, por sua vez, pode indexar solidariedade étnica ou os valores particulares deste grupo, indexando os atributos [-autoridade] e [-formalidade], entre outros que podem estar envolvidos na interação.

#### 4.5.2.

### Paradigma Interacional

Blom e Gumperz (1972), ao reconhecerem o *code-switching* metafórico além do situacional, mostraram que as escolhas lingüísticas podem ser estratégicas. Mais tarde, Gumperz (1982) mostrou que as escolhas metafóricas podem receber parte de seus significados através da violação de normas situacionais, com o qual está de acordo Myers-Scotton (1993a), para quem as escolhas marcadas apontam tal violação. Segundo a autora, algumas idéias do paradigma da Sociolingüística Interacional são conceitos centrais em seu Modelo de Marcação. Inicialmente, apropria-se da idéia de que cada turno conversacional é considerado uma apresentação do *self* (Goffman, 1979), ou seja, de que somente através de turnos sucessivos é possível determinar se um turno anterior obteve sucesso na negociação das relações interpessoais. Em seguida, ela se apóia na premissa de que a conversação é uma empreitada cooperativa, ou seja, dependente da resposta do interlocutor; e na idéia de que a conversação é uma empreitada seqüencial (Goodwin, 1981; Auer, 1991) e que, portanto, a alternância entre códigos somente pode ser considerada como tal se há contraste com os turnos anteriores e posteriores. Desse modo, a linguagem é utilizada para comunicar além do significado referencial.

#### 4.5.3.

### Princípio de Negociação

Myers-Scotton direciona sua abordagem ao *code-switching* com base no Princípio de Cooperação de Grice (1975) e suas quatro máximas – Quantidade, Qualidade, Relação e Modo. A autora formula um princípio geral, o *Princípio de Negociação*:

“Escolha a *forma* de sua conversação para que ela indexe um grupo de direitos e obrigações que você deseja estabelecer entre o falante e o ouvinte para a presente interação.”

(Myers-Scotton, 1993a, p.113)

Este princípio contém seu argumento central de que todas as escolhas podem ser explicadas em termos das motivações dos falantes. Com base neste princípio, Myers-Scotton propõe uma série de máximas: *Máxima da escolha não-marcada*, *Máxima da escolha marcada*, *Máxima da escolha exploratória*, *Máxima da virtuosidade* e *Máxima da deferência*, que serão desenvolvidas a seguir. Estas máximas prevêm quatro tipos complementares de *code-switching* e suas motivações sociais: *Code-switching como uma seqüência de escolhas não-marcadas*, *code-switching como a escolha não-marcada*, *code-switching como uma escolha marcada*, e *code-switching como uma escolha exploratória*.

#### 4.5.3.1.

##### **Code-switching como uma escolha não-marcada**

A *Máxima da Escolha Não-marcada* instrui os falantes a escolherem o código que indexe o grupo não-marcado de direitos-e-obrigações sempre que se deseja estabelecer ou manter o *status quo*. Ela se dirige aos falantes da seguinte maneira:

“Faça a sua escolha de código o índice não-marcado do grupo de DO nas interações quando você deseja estabelecer ou afirmar aquele grupo de DO.”

(Myers-Scotton, 1993a, p.114)

Como consequência desta máxima, Myers-Scotton postula que a alternância entre códigos ocorrerá em duas circunstâncias diferentes: o *code-switching seqüencial não-marcado* (como uma seqüência de escolhas não-marcadas), e o *code-switching não-marcado* (a própria alternância entre códigos como a escolha não-marcada).

No primeiro caso, *code-switching seqüencial não-marcado* (ou *code-switching como uma seqüência de escolhas não-marcadas*), as alternâncias constituem uma seqüência de escolhas não-marcadas, feitas em consequência de mudanças na situação que podem alterar o grupo de DO. Para a autora, fazer escolhas não-marcadas indica aceitação por parte dos falantes dos papéis sociais que tipicamente ocorrem numa determinada comunidade. Vale ressaltar que este tipo de *code-switching* é tratado por Blom e Gumperz (1972) como *code-*

*switching situacional*, mas Myers-Scotton dá preferência ao termo *code-switching seqüencial não-marcado* para indicar que a alternância entre códigos é motivada pelo falante, e não unicamente pela situação, como é o caso de Blom e Gumperz.

A autora exemplifica o *code-switching* seqüencial não-marcado com um fragmento de uma carta escrita em suaíli, a escolha não-marcada para a interação, pois os participantes viviam em Nairobi. Com o surgimento de um tópico mais delicado (pedir dinheiro emprestado), alternou-se para o inglês, o código marcado para o indivíduo que escreveu a carta, o que tornou sua escolha não-marcada ao lhe permitir um distanciamento do embaraço de estar pedindo dinheiro:

(109) Inglês – *suaíli* (Myers-Scotton, 1993a, p.116):

Nina shida ya lazima sana ya pesa kwa sasa. Naomba sana unisaide. *Well, this is the first time since I knew you, I think, to borrow money. I know money can break our friendship.*

(Eu tenho grande necessidade de dinheiro. Eu te peço que me ajude. *Bom, esta é a primeira vez desde que te conheço, eu acho, que peço dinheiro emprestado. Eu sei que dinheiro pode estragar nossa amizade.*)

De acordo com Myers-Scotton, o uso freqüente da alternância entre códigos para apresentar citações também é uma instância deste tipo de *code-switching*, sendo o código escolhido para a citação aquele que seria a escolha não-marcada na situação original, enquanto que o outro é não-marcado na situação em que as palavras estão sendo reportadas.

O segundo tipo de *code-switching* decorrente da *máxima da escolha não-marcada* é o *code-switching não-marcado* (ou *code-switching como a escolha não-marcada*), em que os falantes se engajam num padrão contínuo de uso de duas (ou mais) línguas. Neste caso, não é cada alternância que possui uma indexicalidade especial, mas sim, o padrão geral de alternar entre códigos que carrega a intenção comunicativa, fazendo com que o uso constante do *code-switching* seja a escolha não-marcada para certos tipos de interação. Segundo a pesquisadora, o *code-switching* como uma escolha não-marcada será favorecido em comunidades cujos membros são pares e desejam ressaltar ambos os lados de sua identidade: de um lado, sua etnia ou identidade nacional, e de outro, seu status como indivíduo em estado emergente na escala social. Neste caso, a constante mistura entre códigos é o marcador significativo, ao invés de cada alternância

individual, como é o caso anterior. Este tipo de uso contínuo da alternância entre códigos apresentado por Myers-Scotton está em consonância com a sugestão de Poplack (1980, p.614) a respeito do *code-switching* como um “modo geral de discurso”, em que “o fato de um falante fazer uso alternado de ambos os códigos possui por si mesmo motivações e implicações interacionais, além de quaisquer efeitos particulares de alternâncias específicas entre códigos”.

A seguir, vemos um exemplo deste tipo de *code-switching*, que ocorre durante uma entrevista de emprego, em que a entrevistada alterna entre inglês, suaíli e Iwidakho:

(110) Lwidakho – inglês – suaíli (Myers-Scotton, 1991, p.123):

Entrevistador: Unapenda kufanya kazi yako lini? Mchana au usiku?

(Quando você gosta de fazer o seu trabalho? Manhãs ou noites?)

Enfermeira: *As I told you, I like my job. Sina ubaguzi wo wote kuhusu wakati ninapofanya kazi. I enjoy working either during the day au usiku yote ni sawa kwangu. Hata family members wangu wamezoea mtindo huu. There is no quarrel at all. Obubi bubulaho. Saa zengine kazi huwa nyingi sana na there are other times when we just have light duty. Walwale vanji, more work, walwale vadi, kazi kidogo.*

(*Como eu te disse, eu gosto do meu trabalho. Eu não tenho dificuldade nenhuma no que diz respeito a quando eu trabalho. Eu gosto de trabalhar tanto durante o dia quanto à noite. Mesmo os membros da minha família se acostumaram a este plano. Não há discussão alguma. Não há nada de ruim. Algumas vezes há muito trabalho e há outras vezes quando nós somente temos trabalho leve. Mais pacientes, mais trabalho, menos pacientes, menos trabalho.*)

Myers-Scotton ainda apresenta duas possíveis violações à Máxima da Escolha Não-Marcada, às quais ela chama de *Máxima da Deferência* e *Máxima da Virtuosiidade*.

A *Máxima da Deferência* complementa a Máxima da Escolha Não-Marcada, uma vez que reconhece que considerações de polidez podem algumas vezes contradizer o que geralmente seria considerado não-marcado. Assim, o que

seria não-marcado torna-se marcado. Esta máxima se dirige ao falante da seguinte maneira:

“Alterne para um código que expressa deferência aos outros quando respeito especial é exigido pelas circunstâncias.”

(Myers-Scotton, 1993a, p.147)

Na interação a seguir, vemos um exemplo da mudança de código para expressar deferência, quando o filho, para mostrar respeito ao pai, escolheu utilizar a língua étnica que indexa o grupo de DO [+autoridade] para o pai e [-autoridade] ou [+subserviência] para o filho.

(111) Inglês – *luo* (Myers-Scotton, 1993a, p.148):

Pai: Where have you been?

(Onde você esteve?)

Filho: *Onyango nende adlu aora, baba.*

(*Eu fui ao rio, pai.*)

Já a *Máxima da Virtuosiidade* complementa a Máxima da Escolha Não-Marcada ao reconhecer que o falante pode ser forçado a trocar de código para ser entendido por um participante não-proficiente no código originalmente utilizado:

“Alterne para qualquer código que for necessário para dar continuidade à conversação / acomodar a participação de todos os falantes presentes.”

(Myers-Scotton, 1993a, p.148)

O depoimento abaixo mostra um falante bilíngüe luo-inglês, cujo pai é monolíngüe, que relata que interrompe o uso de *code-switching* quando este está presente:

“Meu irmão e eu temos que estar atentos às nossas palavras depois que nosso pai chega. A conversa se torna mais lenta porque nós perdemos tempo escolhendo as palavras que o velho homem vai entender e aquelas que não vão ofendê-lo. Antes dele chegar, nós estávamos usando sentenças como *Mekosiche enough water tu chu* [Este gado não está recebendo muita água estes dias, com *code-switching* luo-inglês]. Mas depois da sua chegada nós devemos dizer *Mehosiche beeh che yame tuchu* [Este gado não está recebendo muita água estes dias, sem *code-switching* luo-inglês]. Evitamos nosso uso normal de inglês misturado com luo para acomodar nosso velho pai à situação.”

(Myers-Scotton, 1993a, p.149)

#### 4.5.3.2.

##### **Code-switching como uma escolha marcada**

No *code-switching* como escolha marcada, os falantes não se identificam com o grupo de direitos-e-obrigações esperado. Desse modo, ao invés de seguir a máxima da escolha não-marcada, o falante obedece à *Máxima da Escolha Marcada*, que se dirige aos falantes do seguinte modo:

“Faça uma escolha de código marcada que não seja o índice não-marcado do grupo não-marcado de DO numa interação quando você deseja estabelecer um novo grupo de DO como não-marcado para a troca corrente.”

(Myers-Scotton, 1993a, p.131)

Assim, o falante utiliza a escolha marcada para sinalizar uma mudança no grupo de direitos-e-obrigações, como por exemplo, para modificar o modo em que é percebido pelo seu interlocutor ou para alterar a relação entre ambos. Ou seja, a escolha marcada reflete a intenção de mudar a distância social esperada entre os participantes, seja aumentando-a ou diminuindo-a. Segundo Myers-Scotton, o efeito deste tipo de alternância deve-se à sua natureza inesperada, marcada, que traz à tona um novo cenário.

A seguinte interação – em que o motorista de um ônibus pede a um passageiro que ele abra as janelas por conta do calor – ilustra o uso do *code-switching* marcado por parte do passageiro para aumentar a distância social:

(112) Suaíli – inglês (Myers-Scotton, 1990, p.99):

Motorista: Fugueni madirisha!

(Abra as janelas!)

Passageiro: *That's your job.*

(*Isto é o seu trabalho.*)

A autora também ressalta que o *code-switching* marcado pode ser uma estratégia de exclusão baseada na etnia, como é o caso do exemplo a seguir, em que a escolha não-marcada é a alternância suaíli-inglês, mas duas amigas (A, D) utilizam sua língua materna, kamba, para excluir os demais participantes da interação:

(113) Suaíli – *inglês* – kamba (Myers-Scotton, 1993a, p.136):

- A: Leo nitatoka kazani mapema sana. Nimewaacha wageni nyumbani.  
(Hoje vou sair muito cedo do trabalho. Tenho visitas em casa.)
- B: Wageni gani hao?  
(Que tipo de visita?)
- A: *You don't know them.* Wanatoka nyumbani.  
(*Você não os conhece.* Eles vêm de casa [numa cidade próxima].)
- C: Ni wale niliwaacha huko jana ama ni wengine?  
(São aqueles que eu deixei lá ontem ou outros?)
- D: Jane, too unaiva iyoo? Ndineekwona kanisani.  
(Jane, onde você esteve ontem? Não te vi na igreja.)
- A: Ninaendia utembea musyi. Ona mdinasyoka nginya kwakya kuu.  
(Eu fui para casa. E não voltei até esta manhã.)
- D: Niki nduneendavya uithi kwo. Ninai ndonya ukunenga valua umatwaie...  
(Por que você não disse que estava indo para lá? Eu teria mandando uma carta para eles...)
- C: Meschack, wacha sisi twende. Naona Judith na Mary wameanza kuongea kinyumbani ili tuisikie.  
(Meschack, vamos embora. Vejo que Judith e Mary começaram a falar em casa [na língua materna] para que não entendamos.)

Como vimos, esta estratégia foi comprovada em dados de diversas comunidades, como ocorre quando um falante troca de variedade para sinalizar maior distância, para introduzir um tom mais solidário, ou para excluir um ou mais participantes.

#### 4.5.3.3.

#### **Code-switching como uma escolha exploratória**

Myers-Scotton aponta, por fim, o uso da alternância entre códigos como uma estratégia de neutralidade, que ocorre quando não está claro para o falante qual escolha irá ajudá-lo a alcançar seus objetivos sociais. Nestes casos, o falante segue a *Máxima da Escolha Exploratória*:

“Quando uma escolha não-marcada não está clara, utilize o CS [*code-switching*] para fazer escolhas exploratórias alternadas como candidatas para uma escolha não-marcada e desse modo como um índice de um grupo de DO que você favoreça.”



(Myers-Scotton, 1993a, p.142)

Este tipo de *code-switching* ocorre, por exemplo, quando aspectos da situação não são congruentes, como quando, apesar de possuírem uma relação próxima, os participantes estão num ambiente formal que exige o uso de uma outra língua, ou quando o falante não conhece a identidade social de seu interlocutor a ponto de ser capaz de fazer uma escolha decisiva acerca do grupo de direitos-e-obrigações apropriado. Assim, o falante propõe um determinado código; e, dependendo das reações do interlocutor, a escolha exploratória pode ser mantida ou abandonada. A escolha exploratória mostra que, de fato, o *code-switching* é uma negociação, como vemos na interação a seguir, em que um homem pede para dançar com uma mulher num hotel em Nairobi:

(114) Suaíli – *inglês* (Myers-Scotton, 1988, p.177):

H: Nisaidie na *dance*, tafadhali.

(Me conceda uma *dança*, por favor.)

M: Nimechoka. Pengine nyimbo ifuatayo.

(Estou cansada. Talvez a próxima música.)

H: Hii ndio nyimbo ninayopenda.

(Esta é a música que eu gosto.)

M: Nimechoka!

(Estou cansada!)

H: Tafadhali...

(Por favor...)

M: *Ah, stop bugging me.*

(*Ah, pare de me perturbar.*)

H: *I'm sorry. I didn't mean to bug you, but I can't help it if I like this song.*

(*Desculpe-me. Eu não pretendia te perturbar, mas não posso fazer nada se eu gosto dessa música.*)

M: *OK, then, in that case, we can dance.*

(*OK, então, neste caso, nós podemos dançar.*)

No caso do *code-switching* como escolha exploratória, os falantes exploram a preferência lingüística uns dos outros quando não sabem qual o grupo de direitos-e-obrigações não-marcado para a situação. No exemplo a seguir, o falante inicia a interação em isiZulu ao inferir que esta é a língua de seu interlocutor, sendo, portanto, sua escolha exploratória. Ao perceber que ele não

fala nenhuma língua africana, o falante mantém a interação em inglês, língua escolhida pelo interlocutor:

(115) IsiZulu – *inglês* (Ncoko, Osman & , 2000, p.235):

- A: Heyi! Wena, awazi yini ukuthi i-tuck shop nge-first break ayivulwa.  
(Hey! Você, você não sabe que a cantina não está aberta no primeiro intervalo?)
- B: *What are you talking about? I do not understand.*  
(*Sobre o que você está falando? Eu não entendo.*)
- A: *I am so sorry. Are you from Zaire?*  
(*Sinto muito. Você é do Zaire?*)
- B: *No, from Nigeria. I can only speak English.*  
(*Não, da Nigéria. Eu só sei falar inglês.*)
- A: *Okay, I was just saying the tuckshop only opens at second break.*  
(*Ok, eu somente estava dizendo que a cantina só abre no segundo intervalo.*)

#### 4.6.

#### **Code-switching e Interação**

A Sociolinguística Interacional busca compreender “o modo em que a linguagem figura na interação diária e na cognição” (Ochs, Schegloff & Thompson, 1996, p.2). Uma série de estudos na área de línguas em contato busca descrever o lugar do *code-switching* em relação aos turnos e às seqüências interacionais, bem como a maneira com que as alternâncias entre códigos trazem informação contextual relevante para o discurso (Auer, 1984; Zentella, 1997; Woolard, 2004; entre outros).

##### 4.6.1.

#### **Code-switching e Footing**

Goffman (1979, 1981) descreveu *footing* como um processo interacional similar a algumas descrições funcionais de *code-switching*, tendo inclusive feito uso de três interações com *code-switching* apresentadas por Blom e Gumperz (1972) para exemplificar o conceito de *footing*. A diferença que ele faz entre sua

teoria de *footing* e a definição de Gumperz acerca do *code-switching* é formal. Para o autor, enquanto o *code-switching* inclui necessariamente uma alternância de uma língua para outra, mudanças de *footing* também podem ser indicadas através de mudanças na prosódia, entonação, alinhamento corporal, entre outros. Ainda assim, afirma: “Para os falantes, code switching está geralmente envolvido [em mudança de *footing*], e se não isto, então ao menos os marcadores sonoros que os lingüistas estudam” (Goffman, 1981, p.128).

Para o pesquisador, *footing* é a postura ou posicionamento que um indivíduo toma numa determinada interação. Goffman explica estas posturas primariamente através das noções de falante e ouvinte, e também ao explorar o caráter multifacetado do evento de fala. Dentro de uma única interação, um indivíduo pode destacar uma série de papéis diferentes. O pesquisador sugere que mudanças de objetivo, contexto e papel social do participante são comuns na interação, e oferece a noção de *footing* como uma teoria acerca das múltiplas posições tomadas pelos interlocutores numa interação verbal. No curso de uma interação, um indivíduo pode mostrar uma série de posturas diferentes. A alternância entre códigos, portanto, além de outros marcadores lingüísticos, pode servir para marcar estas mudanças no *footing*.

Pesquisadores em bilingüismo e *code-switching* utilizaram a noção de *footing* para explicar esta prática discursiva de ao menos duas maneiras, a saber: como uma categoria ora subordinada, ora superordenada ao *code-switching*. Por um lado, para Zentella (1997), a idéia de *footing* fornece uma análise funcional racional para grande parte da alternância entre códigos em seu estudo sobre crianças porto-riquenhas em Nova Iorque:

“O conceito de footing de Goffman fornece o princípio que subjaz uma ampla variedade de trocas [de código] (...) As crianças do *el bloque* utilizaram code-switching primariamente para sinalizar uma mudança de footing em duas maneiras; elas alternaram entre línguas para grifar ou enfatizar o re-alinhamento que eles pretendiam (...), ou para controlar o comportamento do seu interlocutor.”

(Zentella, 1997, p.93)

Para Zentella, o conceito de *footing* pode prover uma explicação funcional para a descrição formal da alternância entre códigos; de fato, a maior parte das ocorrências de *code-switching* pode ser vista como uma alternância entre línguas

que sinaliza uma mudança de *footing*. Assim, a autora considera que o conceito de *code-switching* está superordenado ao conceito de *footing* e, portanto, deve fazer parte de sua definição.

Woolard (2004), por sua vez, entende a idéia de *code-switching* como subordinada ao *footing*. Mais coerentemente, ela sugere que o *footing* seja uma ponte entre o estudo específico do *code-switching* e entendimentos mais amplos de fenômenos lingüísticos relacionados à mudança de papéis sociais. A descrição que ela fornece de *footing* o relaciona tanto à discussão de Gumperz (1982) acerca de pistas contextuais, quanto ao grupo de direitos-e-obrigações de Myers-Scotton (1993a). Para Woolard, a idéia de *footing* também deve estar relacionada às discussões sobre a alternância entre códigos; portanto, sugere que a incorporação das discussões acerca do *code-switching* ao conceito de *footing* poderá enriquecê-las além dos modelos de Gumperz e Myers-Scotton.

#### 4.6.2.

#### A abordagem de Auer

Auer (1984) fez um estudo pioneiro sobre interação e *code-switching*. O autor se contrapôs à definição de situação proposta por Gumperz, pois segundo o autor, ela é definida externamente à interação e sob a perspectiva do pesquisador. Auer argumenta que a forma de cada enunciado dos interlocutores na interação auxilia na definição da situação a ser desdobrada. O autor divide alternância entre línguas em *transferência* e *code-switching*, em que a primeira envolve a alternância seguida do retorno à língua original, e a segunda não possui um ponto previsível de volta à primeira língua. Segundo Auer, o que distingue estes dois fenômenos é seu efeito em turnos subsequentes: “Enquanto o *code-switching* convida outras partes para alternar entre línguas ‘até aviso seguinte’, a transferência não possui tais efeitos para os falantes” (Auer, 1984, p.29). Assim, instâncias de transferência são, para o autor, úteis para atividades como citações, traduções, preenchimento de itens lexicais, enquanto o *code-switching* marca mudanças de *footing*, estrutura dos participantes e outros elementos relacionados ao contexto.

O pesquisador cita, em sua análise, a noção de *footing* (Goffman, 1979) e de *pistas de contextualização* (Gumperz, 1982), mas ressalta que não são as mudanças de *footing* ou contexto que provocam o *code-switching*. Segundo o autor, a alternância entre línguas é uma estratégia de contextualização, mas o contexto ou o *footing* é criado através do esforço conjunto dos participantes na interação, e que pode ou não fazer uso da alternância entre línguas.

Auer busca dar conta da alternância entre línguas com base em fenômenos relacionados ao discurso e nas referências locais dos participantes. Ele sugere que o significado do *code-switching* está “encaixado no desenvolvimento seqüencial da conversação” (Auer, 1984, p.93). Segundo o autor, os falantes possuem preferência por manter a língua do turno anterior. Assim, a alternância serve para destacar uma sentença do discurso precedente, ao que ele chamou de *code-switching relacionado ao discurso*, ou para negociar ou renegociar uma língua comum, ao que ele chamou de *code-switching relacionado aos participantes*. Assim, o primeiro tipo de *code-switching* serve para organizar o desenrolar da situação, como por exemplo, para marcar mudanças de tópico ou no *footing*, enquanto o segundo tipo diz respeito às preferências lingüísticas individuais dos falantes. Segundo Auer, o *code-switching* pode ser polivalente, uma vez que pode envolver simultaneamente aspectos relacionados ao discurso e aos falantes.

O pesquisador recomendou este tipo de análise em detrimento de análises baseadas na introspecção ou em abordagens macro-sociológicas que definem o significado da escolha lingüística sem considerar o uso da língua de fato. Estudos posteriores examinaram as funções seqüenciais ou interacionais da alternância entre códigos. Analistas da conversação sugeriram, por exemplo, que o *code-switching* pode servir para enriquecer a seleção dos turnos (Li Wei, 1998; Cromdal, 2001), para mitigar recusas (Bani-Shoraka, 2005, Li Wei, 2005), para reparação (Auer, 1995; Sebba & Wooten, 1998) ou para marcar respostas preteridas (Li Wei, 1998; Bani-Shoraka, 2005). Em geral, tais estudos examinaram como as alternâncias entre variedades lingüísticas trazem relevância interacional a elementos da situação e às identidades dos falantes.

#### 4.7.

#### Sumário e considerações

Os sociolinguistas em geral descrevem o uso individual da linguagem no *code-switching* através da classificação dos enunciados de acordo com suas diferentes funções lingüísticas e/ou pragmáticas. Muitos pesquisadores da área de línguas em contato se voltaram ao estudo das funções sócio-pragmáticas a que o *code-switching* pode vir a servir no discurso. Neste enfoque de pesquisa, entende-se que a língua não pode ser analisada sem que os fenômenos sociais sejam considerados; ou seja, o *code-switching* é visto como um fenômeno pragmático. Nesta abordagem, encontramos uma vertente mais expressiva que tem buscado elaborar tipologias funcionais do *code-switching* (Gumperz, 1982; Grosjean, 1982; Appel & Muysken 1987; Koziol, 2000; Richardson, 2000). É importante ressaltar, contudo, que este tipo de enfoque é descritivo, ou seja, refere-se a um determinado *corpus* encontrado em cada um destes estudos, podendo ser, deste modo, sempre expansível.

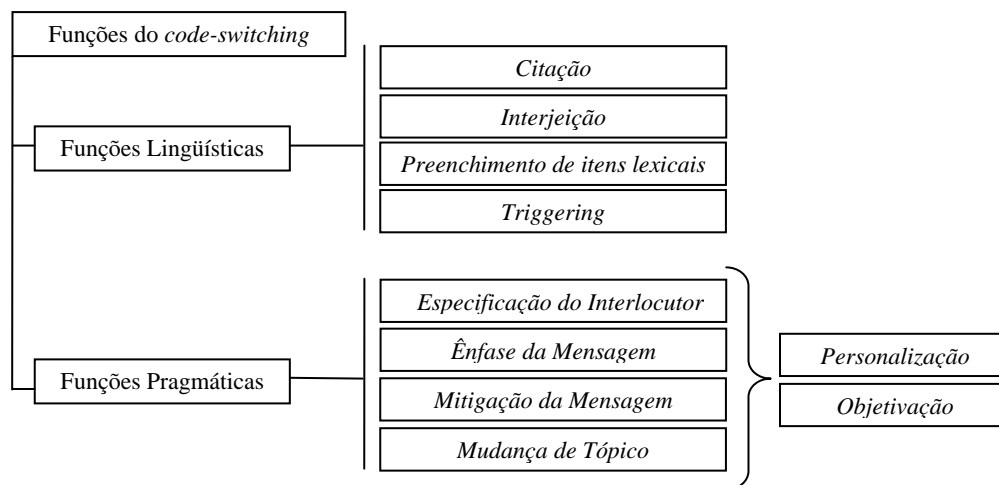
Tais tipologias têm sido questionadas por alguns pesquisadores, como por exemplo, Auer (1984, p.3), para quem nunca será possível escrever uma lista exaustiva das funções do *code-switching*. Auer afirma que “é uma empreitada fútil dar um esquema classificacional fechado para o *code-switching*, pois se pode chegar a um número indeterminado de interpretações”. O próprio Gumperz (1982, p.82), consciente das limitações de tais tipologias, aponta que “uma lista de funções não pode por si mesma explicar quais as percepções lingüísticas dos ouvintes e como elas afetam o processo de interpretação”. Regras generalizadas não são suficientes para dar conta das funções do *code-switching*. Portanto, o autor sugere:

“Mais que tentar refinar nossa classificação de funções, para ser capaz de prever a ocorrência de códigos, parece mais útil adotar uma abordagem mais semântica ao *code switching* e examinar como o *code switching* restringe os processos de inferência pelos quais nós acessamos a intenção comunicativa.”

(Gumperz, 1982, pp. 83-84)

Acreditamos que, dentre as diversas funções relatadas neste capítulo, algumas delas se repetem, são desnecessárias ou inadequadas para descrever o

emprego do *code-switching*. Com base em nossos dados próprios e na análise das propostas destes autores, acreditamos ser possível uma reclassificação e enxugamento destas funções, embora sintamos necessário ressaltar que tal tipologia ainda apresentará lacunas, por se aplicar somente a uma abordagem descritiva aos dados lingüísticos já encontrados. Concluimos que o *code-switching* pode servir a funções lingüísticas e pragmáticas. No primeiro grupo, teríamos as seguintes funções e/ou motivações: *Citação*, *interjeição*, *necessidade de itens lexicais ou expressões apropriadas* (falta de tradução adequada), e *triggering*. No segundo grupo, consideramos relevantes as funções a seguir: *Especificação do interlocutor* (inclusão ou exclusão de participantes, estratégia de deferência), *ênfase da mensagem* (reiteração, clarificação), *mitigação da mensagem* e *mudança de tópico*. Ainda, consideramos relevante a função de *personalização versus objetivação*, que muitas vezes se sobrepõe ou mesmo motiva aquelas anteriormente mencionadas, já que a *personalização* serve para diminuir a distância social entre os interlocutores, marcar e enfatizar a identidade do grupo, transmitir solidariedade, confidencialidade, neutralidade; e a *objetivação* para aumentar a distância social entre os interlocutores, marcar autoridade, transmitir raiva, irritação. A figura abaixo esquematiza nossa proposta:



**FIGURA 2: Funções do *code-switching***

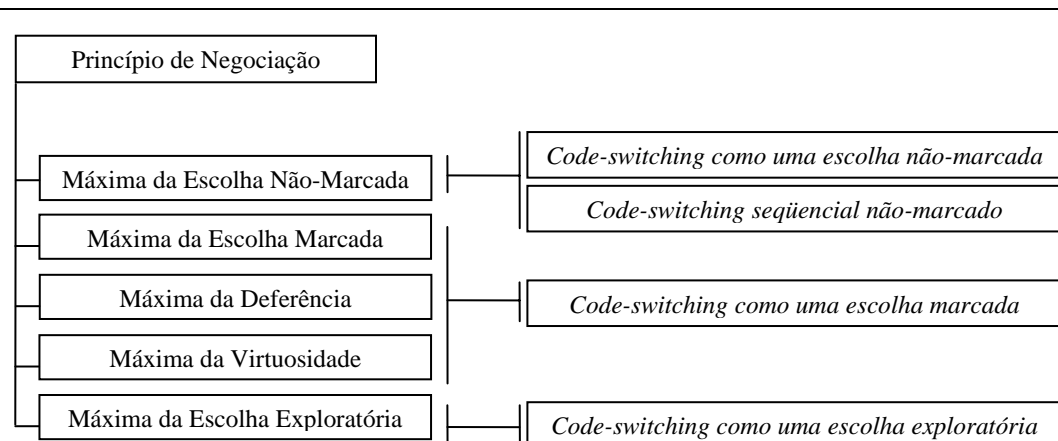
Acreditamos que a abordagem de Myers-Scotton (1993a) se propõe a preencher a lacuna deixada pela pesquisa anterior, de base estritamente

classificatória. Ao elaborar um modelo teórico para explicar as motivações sócio-psicológicas da alternância entre códigos com base na noção de marcação, a autora adotou o que Gumperz (1982, p.83) chamou de “uma abordagem mais semântica ao code-switching”. Ainda, ao enfatizar que escolhas particulares de código são dirigidas principalmente pelas motivações dos falantes, ela voltou seu foco para a “intenção comunicativa” do falante, como propusera Gumperz (1982, p.84).

Segundo Myers-Scotton, cada código relaciona-se a um grupo particular de direitos-e-obrigações, ou seja, aos traços situacionais salientes para cada interação, que dizem respeito às atitudes e expectativas dos falantes em relação uns aos outros. Assim, o código associado mais freqüentemente a um grupo de direitos-e-obrigações representa a escolha não-marcada para aquela interação particular. O falante leva em conta aspectos da situação, mas a escolha final depende da relação que se deseja codificar. Assim, enquanto descrições anteriores buscavam relacionar as escolhas dos falantes diretamente a fatores situacionais, podemos afirmar que o modelo de Myers-Scotton dá um passo adiante ao centrar-se no falante.

Inspirada no Princípio de Cooperação de Grice (1975), a autora postulou o *Princípio de Negociação*, que reflete a escolha do falante a respeito do grupo de direitos-e-obrigações adequado para a relação que se deseja estabelecer. Myers-Scotton propõe cinco máximas decorrentes deste princípio: *Máxima da escolha não-marcada*, *Máxima da escolha marcada*, *Máxima da escolha exploratória*, *Máxima da virtuosidade*, *Máxima da deferência*. Estas máximas prevêm quatro tipos de *code-switching*: *Code-switching como uma seqüência de escolhas não-marcadas*, *code-switching como uma escolha não-marcada*, *code-switching como uma escolha marcada*, *code-switching como uma escolha exploratória*. A figura abaixo esquematiza as Máximas propostas por Myers-Scotton e os tipos de *code-switching* a elas relacionados:





**FIGURA 3: Modelo de Marcação (Myers-Scotton, 1993a)**

---

Cada um destes tipos de *code-switching* propostos por Myers-Scotton englobam grupos mais gerais de motivações, e sua escolha está sempre centrada no falante. Deste modo, a autora preencheu as lacunas da proposta classificatória iniciada por Gumperz, e centrou-se no falante e no ouvinte, seguindo à risca seu conselho de “examinar como o *code-switching* restringe os processos de inferência pelos quais nós acessamos a intenção comunicativa”. Myers-Scotton fundamentou a análise do *code-switching* como um fenômeno interacional que traz informação contextual relevante para o discurso, caminho seguido por Auer (1984), Zentella (1997) e Woolard (2004), entre outros. Esta é a tendência que a pesquisa sociolinguística sobre o *code-switching* deve tomar a partir de agora.